UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES

ABRIGO DA MEMÓRIA

ELIZABETH DE MELO CAMARGO MOYSÉS

CAMPINAS - 2004

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES

ABRIGO DA MEMÓRIA

ELIZABETH DE MELO CAMARGO MOYSÉS

Dissertação apresentada no Curso de Mestrado em Artes do Instituto de Artes da UNICAMP como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes, sob a orientação da Profª. Drª. Maria Lúcia Bueno Coelho de Paula.

CAMPINAS - 2004

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

M876a

Moysés, Beth.
Abrigo da memória / Elizabeth de Melo Camargo Moysés. – Campinas, SP : [s.n.], \c 2004.

Orientador : Maria Lúcia Bueno.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.

1. Performance (Arte). 2. Violência. 3. Mulheres. I. Bueno, Maria Lúcia. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

Dedico esta pesquisa a minha mãe por sua constante generosidade, as minhas filhas pelo incentivo e a todas as mulheres que de alguma maneira têm contribuído com o meu trabalho.

Agradecimentos

Agradeço a Alba Melo Bonilha, Carlos Lopes Moysés, Ernesto Giovanni Boccara, Lazaro Eliseu Moura, Maria Del Pilar Trincas Assad Salum, José Mario Ortiz Ramos, Debora Kás, Maria Lúcia Bueno, Fernanda Borges, Kátia Canton, Paulo Lima Buenoz, Sandra Tucci, Evely Araujo e Rosany Camargo.

Sumário

Relação de imagens 11
Resumo 15
Abstract 17
Introdução 19
Capítulo 1 – Casamento: poder, violência e sacrifícios históricos 21
1. Do Matriarcado ao Patriarcado: breve histórico 23
As religiões, o poder e a influência no casamento 26
Poder masculino e sua influência no casamento 31
Casamento como um sacramento 32
Submissão e a violência no casamento 35
As primeiras mudanças: as feministas 38
2. Experiência na delegacia da mulher 42
"Mulheres divididas" 44
Desenhos e depoimentos 47
Capítulo 2 – Reflexão sobre meu trabalho 89
1. Um novo olhar 91
Forro de sonhos pálidos 93
Luta 95
Sobre pérolas 97
Noivas no Carandiru 99
A Rainha 103
2. Performances 105
Memória do Afeto – São Paulo 107
Mosaico Branco por 60 Mulheres 111
Memória do Afeto – Madri 115
Memória do Afeto – Brasília 119
3. O ato artístico como um movimento catártico 121
Considerações finais 125
Anexos 127
Referências bibliográficas 137

Pg	Imagem
25	Femme De La Cour De France.1577. B.N. (Documents Hachette) Le Premier Mariage
49	Beth Moysés, *Maria Aparecida,* 2003 desenho sobre papel arroz, 21 x 29,7 cm
51	Beth Moysés, *Vanessa,* 2003 desenho sobre papel arroz, 21 x 29,7 cm
53	Beth Moysés, *Regina,* 2003 desenho sobre papel arroz, 21 x 29,7 cm
55	Beth Moysés, *Ednéia,* 2003 desenho sobre papel arroz, 21 x 29,7 cm
57	Beth Moysés, *Maysa,* 2003 desenho sobre papel arroz, 21 x 29,7 cm
59	Beth Moysés, *Camélia,* 2003 desenho sobre papel arroz, 21 x 29,7 cm
61	Beth Moysés, *Maria da Guia,* 2003 desenho sobre papel arroz, 21 x 29,7 cm
63	Beth Moysés, *Rose,* 2003 desenho sobre papel arroz, 21 x 29,7 cm
65	Beth Moysés, *Maria Helena,* 2003 desenho sobre papel arroz, 21 x 29,7 cm
67	Beth Moysés, *Elisa,* 2003 desenho sobre papel arroz, 21 x 29,7 cm
69	Beth Moysés, *Rosemira,* 2003 desenho sobre papel arroz, 21 x 29,7 cm
71	Beth Moysés, *Sandra Regina,* 2003 desenho sobre papel arroz, 21 x 29,7 cm
73	Beth Moysés, *Iranilde,* 2003 desenho sobre papel arroz, 21 x 29,7 cm

75 Beth Moysés, *Maria Bernardo,* 2003
desenho sobre papel arroz, 21 x 29,7 cm

77 Beth Moysés, *Maria de Fátima,* 2003
desenho sobre papel arroz, 21 x 29,7 cm

79 Beth Moysés, *Júlia,* 2003
desenho sobre papel arroz, 21 x 29,7 cm

81 Beth Moysés, *Cássia,* 2003
desenho sobre papel arroz, 21 x 29,7 cm

83 Beth Moysés, *Maria da Silva,* 2003
desenho sobre papel arroz, 21 x 29,7 cm

85 Beth Moysés, *Raquel,* 2003
desenho sobre papel arroz, 21 x 29,7 cm

87 Beth Moysés, *Elisângela e Juliana,* 2003
desenho sobre papel arroz, 21 x 29,7 cm

90 Beth Moysés, *Maria,* 1995
vestido de noiva sobre chassis e véu de noiva, 43,5 x 110 cm

92 Beth Moysés, *Rosângela,* 1995
vestido de noiva sobre chassis, 165 x 125 cm

92 Beth Moysés, *Eugênia,* 1995
vestido de noiva sobre chassis, 165 x 125 cm

92 Beth Moysés, *Izabel,* 1995
vestido de noiva sobre chassis, 165 x 125 cm

94 Beth Moysés, *Forro de sonhos pálidos,* 1996
30 vestidos de noiva forrando o teto da capela do morumbi, 250 x 50 cm

96 Beth Moysés, *Luta,* 1998
luva de boxe forrada de vestidos de noiva, 45 x 45 x 30 cm

98 Beth Moysés, *Sobre pérolas,* 1998
30 vestidos de noiva forrando o chão, 100 x 80 cm

100 Beth Moysés, foto da série *Noivas no Carandiru,* 2000
70 x 40 cm

101 Beth Moysés, fotos da série *Noivas no Carandiru,* 2000
70 x 40 cm

102 Beth Moysés, *Rainha,* 2001
Rainha, 163 x 62 cm / Tabuleiro 400 x 400 cm

104 Beth Moysés, Performance *Memória do Afeto – São Paulo,* 2000

106 Beth Moysés, Performance *Memória do Afeto – São Paulo,* 2000

108 Beth Moysés, Performance *Memória do Afeto – São Paulo,* 2000

109 Beth Moysés, Performance *Memória do Afeto – São Paulo,* 2000

110 Beth Moysés, Performance *Memória do Afeto – São Paulo,* 2000

112 Beth Moysés, Performance *Mosaico Branco por 60 Mulheres,* 2001

113 Beth Moysés, Performance *Mosaico Branco por 60 Mulheres,* 2001

114 Beth Moysés, Performance *Memória do Afeto – Madri,* 2002

116 Beth Moysés, Performance *Memória do Afeto – Madri,* 2002

118 Beth Moysés, Performance *Memória do Afeto – Brasília,* 2002

120 Beth Moysés, Performance *Memória do Afeto – Brasília,* 2002

121 Beth Moysés, Performance *Memória do Afeto – Brasília,* 2002

Resumo

O ponto de partida desta dissertação foi uma pesquisa que realizei sobre a violência contra as mulheres, tendo como principal espaço a delegacia da mulher em São Paulo. O objetivo foi apontar a necessidade que tenho como artista em utilizar minha produção poética como uma forma de reflexão de temas e problemas da vida social, transformando o nosso cotidiano em obra de arte.

Todo o material obtido advém de um levantamento histórico, de minha vivência como artista e principalmente do projeto que denominei "Mulheres Divididas", onde colhi depoimentos de várias mulheres que sofreram alguma espécie de violência doméstica, durante um período em que freqüentei uma das unidades da Delegacia da Mulher, localizada na Zona Leste, periferia da cidade de São Paulo, onde nasci e resido.

A base histórica por mim pesquisada, tem como principal destaque a sociedade familiar fundamentada no poder patriarcal. Vários episódios, em diferentes épocas, exemplificam a condição da mulher sempre vitimada pelo abuso do poder masculino. Em menor ou maior graus, depoimentos e registros analisados demonstram que mulheres, de todas as camadas sociais e sob diferentes culturas ou religiões, estão igualmente sujeitas à condição de dominadas e oprimidas pelo homem.

Isto mesmo até nestes dias em que vivemos.

Toda a minha produção artística vem se configurando dentro dessa proposta. Procuro transformar esse cotidiano, que não deixa de ser o de todos nós, em obras de arte.ˆ objetos, instalações, fotos, performances e desenhos ˆ E, como resultado, se tornou de maneira inevitável, uma forma de denúncia contra a violência, às vezes até velada , que acontece às mulheres no ambiente doméstico.

Revela que as regras, nas diversas formas de casamento no mundo e através do tempo, só serviram para subjugar ainda mais as mulheres, submetidas ao poder que o patriarcado atribui ao homem, conduzindo em casos extremos à violência doméstica. O título desta dissertação ˆ

"Abrigo da memória" ˆ provém da tentativa de reproduzir essa consciência da condição feminina na prática que nós mulheres desenvolvemos de armazenar lembranças no decorrer da vida, associando-as a determinados objetos, que passam a funcionar como elementos

desencadeadores da memória afetiva. O objeto de principal destaque em todo o meu projeto artístico é o vestido de noiva. Ele assinala o marco da mudança na vida da mulher que é o casamento.

Desde os anos 90 tenho utilizado vestidos de noiva como tema e matéria-prima de minha obra. São todos vestidos usados, que carregam a memória do afeto retido no traje do dia do casamento. Através de meu trabalho procuro evocar este sentimento, confrontando o amor que ficou impregnado na roupa com a realidade vivida pelas mulheres em nossa ainda sociedade patriarcal. A experiência na Delegacia da Mulher, testemunhando a violência vivida por um grande número de mulheres que sofrem abusos e agressões da parte de seus companheiros, foi um subsídio fundamental para a concretização de meu projeto como artista e foi durante essas minhas visitas que produzi a seqüência de desenhos que apresento no corpo desta dissertação.

Como conclusão, mostro o conjunto de minha obra, traduzindo a necessidade de reformular conceitos através da arte, sempre comprometida com a sociedade na medida em que me aproximo e me vinculo às questões sobre a luta feminina contra a violência doméstica.

Abstract

The starting point of the current dissertation was a survey that I conducted, mainly about registered crimes against women at one the São Paulo´s women´s police station arena.

The ultimate objective is to draw attention to the habitual and genuine needs that we as contemporary artists deal with, in terms of utilizing our poetic production as a reflective construct of the social motif and predicaments; in other words, the transformation of our quotidian into a piece of art.

All the obtained material originated from a myriad of authentic sources such as: an accurate and historical survey, my experience as an artist, and mainly from a project, named "Women in Conflict" ("Mulheres Divididas"), carried throughout a certain period of time at one of the women´s police station units in my hometown Sâo Paulo´s outskirts, and that reflects many collected testimonies given by women who fall prey to any sort of violence.

The historical surveyed base has as its cornerstone the patriarchal family society anchored by the patriarchal power. Several episodes, at different times, have been illustrating the victimization of women always perpetrated by the abuse of the masculine power. In a less or high degree, analyzed testimonies and records have demonstrated that women from all social classes, under any culture or religion, are equally subjected to a dominating and opressing condition imposed by men.

And this has been happening ever!

All my artistic production fits into all that proposal. I have been always looking forward to transform our common daily lives into pieces of art such as: objects, facilities, photos, performances and drawings. And as a major consequence, it has become inevitably a denouncing form against violence, occasionally a veiled one, that victimized women on the issues of domestic violence.

Furthermore, it discloses that the rules of all sorts of world marriages throughout time increasingly served to subjugate women and to perpetuate male inherited power given by the patriarchalism, both leading to the extreme cases of domestic violence. The dissertation´s title "Memory´s Shelter" is an attempt to reproduce the practical feminine

condition consciousness of stocking memories during the life, associating them to certain objects, that start acting as initiating elements of the affective memory.

The prominent object of my artistic project is the wedding dress. It is women´s most desired "milestone" called marriage

Ever since the 90´s I have used wedding dresses as theme and raw material of my work. All the dresses are worn, and carry the memory of the affection retained in the costume on the wedding day. Throughout my work I have tried to evoke this feeling, confronting the love impregnated on clothing with these women´s living reality at a patriarchal society. The women´s police station experience, witnessing the violence suffered by countless women who have been abused and assaulted by their mates, was a fundamental aid for achieving my project as an artist; also it was during my visits to the institution that I produced the drawing sequel presented within the dissertation.

As a conclusion, I show the wholeness of my work, which clearly demonstrates the need for reformulation of concept throughout art, and obviously always engaged with society as long as I take part in the matters tied to the feminine fight against domestic violence.

Introdução

O objetivo desta pesquisa é investigar as discriminações sofridas pelas mulheres aolongo do tempo e apontar a necessidade que tenho como artista em revelar através da arte, fatos que ocorrem em nossa sociedade.

Minha produção artística – que inclui objetos, instalações, fotos, performances e até desenhos – é sempre uma forma de denúncia contra a violência velada que acontece à mulher no âmbito doméstico.

O título dessa dissertação – "Abrigo da Memória" – provém das lembranças que vamos armazenando no decorrer da vida. Muitas vezes essas recordações são estimuladas quando deparamos com um objeto desencadeador. No meu trabalho, esse objeto é o vestido de noiva, pois é um símbolo forte do imaginário feminino.

Esse traje marca um rito de passagem, uma mudança na vida da mulher. Cobrimos nosso corpo com essa fantasia, ela é o invólucro também da nossa alma. É ela que nos une ao desejo e nos protege da dor, do real, do visível, do palpável. O encantamento que a tradição embutiu nessa vestimenta branca é que a torna um mito.

Há algum tempo venho construindo meus trabalhos utilizando vestidos de noiva. São todos vestidos usados, e carregam a memória do afeto que ficou nele retido no dia do casamento. Minha trajetória artística tem se dedicado à busca de evocar esse sentimento, confrontando o amor que ficou impregnado nessa vestimenta com a realidade vivida pelas mulheres dentro da nossa sociedade patriarcal.

Para entender o que gerou essa diferença nas relações entre o marido e a mulher, julguei necessário voltar ao passado e investigar as razões que levaram a mulher vitimizada à submissão. Da mesma forma, fui pessoalmente a delegacia da mulher para testemunhar que ainda hoje muitas delas ainda sofrem violência por parte de seu companheiro, seja de ordem física ou psicológica. Não considerei importante me aprofundar muito nesse estudo, pois a pesquisa é apenas um subsídio para meu trabalho plástico.

Vida e arte sempre caminharam juntas em minha obra. Desde os primeiros trabalhos, é como se cada obra fosse uma mulher que contasse sua história pessoal de vida. Com o tempo, os trabalhos se expandem para o coletivo, não falam mais de uma mulher em particular, e sim de muitas. É atingida uma outra dimensão, os vestidos que até então

estavam atrelados entre si saem da parede[1], desabam do teto[2], levantam do chão[3] e vestem mulheres[4], mulheres reais, que em uma performance saem caminhando pelas ruas da cidade em busca de transformação nas relações do afeto. Essas manifestações tiveram início no ano de 2000, a primeira aconteceu em São Paulo, e posteriormente as realizei em Madri (2002) e Brasília (2002).

É uma ação poética contra a violência à mulher, pois as mulheres que participam têm, de alguma maneira, um vínculo com essa problemática. Ao realizar este trabalho tenho como intenção não só que várias mulheres possam resgatar o sentimento vivido no dia do casamento, mas também pretendo que a obra desperte, através de recordações do dia-a-dia, sensações de limpeza e purificação.

Juntamente com essa dissertação, mostrarei um vídeo, registro da performance que realizei em Brasília e também uma série de desenhos de observação feitos na sala de espera da delegacia da mulher.

Este trabalho está dividido em dois capítulos. O primeiro está separado em duas partes, a primeira com uma pesquisa sobre a história da esposa e as violências a que elas têm se submetido. A outra descreve minha experiência na delegacia da mulher, com vários depoimentos e desenhos das mulheres vitimizadas, todos realizados na sala de espera da delegacia.

No segundo capítulo faço uma reflexão sobre a minha produção artística estabelecendo uma relação entre o fazer e o pensar, na qual justifico a escolha dos trabalhos de acordo com o foco principal de minha pesquisa.

---

[1] Estou me referindo aos primeiros trabalhos que realizei com partes dos vestidos de noiva, onde cada obra recebeu o nome da mulher a que pertenceu o vestido (1995).

[2] "Forro de sonhos pálidos" (1996), instalação; forrei o teto da Capela do Morumbi com vários vestidos de noiva.

[3] "Sobre pérolas" (1998), instalação; forrei o chão da galeria Thomas Cohn com os mesmos vestidos que havia forrado o teto da Capela

[4] "Memória do afeto" (2000), performance realizada na rua, com 150 mulheres, no dia 25 de novembro de 2000, Dia Internacional da não Violência contra à Mulher.

Capítulo 1

Casamento: poder, violência e sacrifícios históricos

1. Do Matriarcado ao Patriarcado: breve histórico

Quando a história da humanidade teve início, cerca de 235 mil anos atrás, há indícios de que em muitas culturas eram as mulheres que detinham a hegemonia política. Eram elas as mediadoras de conflitos e as organizadoras da sociedade. Os homens desconheciam sua participação na procriação, imaginando que as mulheres engravidavam dos deuses. Isso fazia com que elas fossem consideradas símbolos sagrados. Esse excesso de exaltação à mulher, contribuiu para que os primeiros grupos sociais fossem basicamente matriarcais (Muraro, 2002).

Beauvoir já considerava contraditórias as informações sobre as formas primitivas da sociedade humana. Para ela, "o mundo sempre pertenceu aos machos" (Beauvoir, 1949: 81).

Como não existem registros desta época, nessa investigação os historiadores se apoiaram em vestígios, como os encontrados na arte e nos mitos (Muraro, 1993). Quando Joseph Campbell (1994) estudou 1,5 mil cosmogonias, observou que as mais arcaicas referiam-se a uma Deusa, uma Grande Mãe, em geral identificada com a terra, de onde tudo saía e para onde tudo voltava. As mais antigas imagens sagradas não são de homens ou animais, mas sim 25 mil estatuetas de mulheres grávidas com grandes seios e grandes ancas, as chamadas deusas da fertilidade. A aparição de deuses do sexo masculino parece ser um fato mais recente na história humana (Campbell, 1994).

Rose Marie Muraro comenta em seu livro que vários antropólogos descrevem o primeiro período nas comunidades, o da coleta, como muito saudável. Não era necessária a força física ao ser humano, bastava colher os frutos das árvores e caçar pequenos animais para ter as necessidades físicas satisfeitas. O resto do tempo ficava disponível para atividades prazerosas, como o contato direto com a natureza e com os outros membros do grupo (Muraro, 2002).

Acredita-se que entre muitos núcleos não havia competição e sim solidariedade e partilha. Também não havia o casamento como conhecemos hoje, as relações homem e mulher eram mais fluidas, por isso mais fáceis de começar e de terminar. Não havia solidão e rejeição, porque o grupo era mais coeso e integrado. As relações humanas transcorriam de forma mais espontânea (Muraro, 2002).

O período da coleta permaneceu ainda por algum tempo na sociedade, porém foi substituído quando se iniciaram as grandes caçadas, fase de grandes mudanças na condição humana.

Rose Marie Muraro, apoiada na antropologia, considerou que foi a caça que contribuiu para alterar a relação humana com a natureza e com os outros animais, mudando também de forma definitiva a relação entre os sexos e o status da mulher dentro das sociedades primitivas.

A força física começou a ser necessária para poder dominar os grandes animais, deixando a mulher em desvantagem. Foi assim que o mais forte começou a dominar o mais fraco e surgiram as relações de competição e violência.

Nesse mesmo período, o homem deve ter descoberto seu papel na procriação. Isso fez com que o macho assumisse o controle da sexualidade das mulheres e, portanto, o poder sobre elas, juntamente com a natureza. Nasceram então mitos e crenças sobre um Deus todo-poderoso e transcendente, e não mais imanente como nas sociedades matrilineares.

Durante muito tempo foram as mulheres que tiveram uma relação especial com o sagrado. Já as novas religiões, nessas culturas, passam a dirigir-se mais aos homens. A eles agora imperava o domínio do sagrado, a centralidade do poder; às mulheres, a marginalidade nos cultos e no âmbito do poder e público.

Em algumas religiões desenvolveu-se uma moral controladora para as mulheres e sem controle para os homens. Regras criadas pelos próprios dominantes e que serviam como braço privilegiado desta classe para manter os dominados internamente oprimidos, enquanto os dominadores podiam romper sem qualquer culpa as regras inventadas por eles próprios. Aparece o reverso dos princípios que regulavam o matricentrismo. Tudo isso gerou uma desigualdade nos relacionamentos, minando a singeleza das relações e carregando-as de disputa e poder (Muraro, 1993).

Durante milênios o homem acreditou que o ventre da mulher fosse apenas um espaço vazio dentro do corpo no qual o sêmen, pouco a pouco, fazia sozinho o trabalho de fabricar o embrião. Aristóteles acreditava que o feto masculino adquiria alma aos 40 dias e o feminino aos 80, e essa ideologia vem até quase os nossos dias.

Só no século XIX, a partir de 1827, é que se descobre o fenômeno da ovulação e o papel da mulher na gestação. O pensamento ocidental, até então baseado nas provas

"científicas" de Platão e Aristóteles, começa a questionar as idéias tradicionais sobre o sexo feminino (Muraro, 2002: 175).

Embora o poder masculino já estivesse emergindo por toda a sociedade havia algum tempo, Muraro acredita que a decadência do matriarcado realmente aconteceu por volta de 2000 a.C., quando se fortalece o patriarcado, a base do machismo. E o mundo começou a pertencer basicamente aos homens.

Femme De La Cour De France.
1577. B.N
(Documents Hachette)
Le Premier Mariage

As religiões, o poder e a influência no casamento

As razões que nos conduziram ao machismo são obscuras, mas o importante é reconhecer que a tradição judaico-cristã sempre predominou no código patriarcal. Desde o início, a Igreja foi dirigida exclusivamente por homens que detinham todos os meios de produção simbólica. A mulher foi considerada, por séculos, como non-persona jurídica. Até hoje é excluída sistematicamente de todas as decisões do poder religioso.

Na história contada no Gênesis, o pecado original acontece quando Eva aceita o conselho da serpente para comer o fruto da árvore do bem e do mal, contrariando os mandamentos de Deus, e ainda induz Adão à tentação, levando-o a comer o fruto proibido.

Ambos comem o fruto do conhecimento, mas só a mulher é considerada culpada por essa transgressão. Na verdade, Deus castiga os dois. Eva passa a sofrer com as dores do parto, pois esse fato está associado à reprodução e, portanto, ao sexo, ao crime e ao castigo. E Adão, por haver cedido à tentação, induzido pela mulher, é expulso do paraíso e obrigado a começar a trabalhar para sobreviver, a arar a terra para plantar e a ganhar o pão com o suor do seu rosto. Nessas palavras compreende-se a mulher como o sexo fraco e marginal, por isso ela caiu na tentação e acabou por seduzir o homem a cometer pecado.

Para Simone de Beauvoir, o nascimento de Eva não foi autônomo: "Deus não resolveu espontaneamente criá-la com um fim em si e para ser por ela adorada em paga: destinou-a ao homem. Foi para salvar Adão da solidão que ele lha deu, ela tem no esposo sua origem e seu fim; ela é seu complemento no modo do inessencial" (Beauvoir, 1949: 181).

Apesar da interpretação dos mitos sempre ter sido feita de forma patriarcal, há leituras recentes de textos religiosos mais positivas, como a de Rose Marie Muraro e Leonardo Boff (2002), que destaca trechos do Gênesis os quais afirmam a igualdade fundamental dos sexos, pois Deus só pode ser conhecido pela via da mulher e pela via do homem. Qualquer redução desse equilíbrio distorce o nosso acesso a Deus e desnatura o nosso conhecimento do ser humano, homem e mulher.

Há também, no Segundo Testamento, no texto de São Paulo, a formulação da igual dignidade dos sexos: "Não há homem nem mulher, pois todos são um em Cristo Jesus" (Gl 3, 28 apud Muraro e Boff, 2002:94).

Conclui-se que o mito de Adão e Eva é mais uma discriminação sofrida pela mulher, e que a interpretação do Gênesis feita pelo homem penetrou no inconsciente coletivo da humanidade de forma devastadora.

Embora houvesse outras versões no Gênesis, a criação da Eva a partir da costela de Adão foi a base do argumento para que, desde a Idade Antiga, a mulher fosse intrinsecamente considerada inferior ao homem e, conseqüentemente, sua dependente para a própria existência.

No livro de Simone de Beauvoir, "O segundo sexo", constam depoimentos de São Tomás de Aquino, dizendo que a mulher é um homem incompleto, um ser "ocasional". Santo Ambrósio, definindo o pecado original, afirma: "Adão foi induzido ao pecado por Eva e não Eva por Adão". Conclui, portanto, que "a mulher deve aceitar como soberano aquele que ela conduziu ao pecado". São João Crisóstomo foi ainda mais radical: "Em meio a todos os animais selvagens, não se encontra nenhum mais nocivo do que a mulher" (Beauvoir, 1949: 10).

Em conseqüência dessas avaliações, foi decretado que a mulher ficaria para sempre em posição subordinada ao homem. Mais uma vez o mito é deturpado favorecendo aquele que o interpreta, pois existe uma leitura feita por Leonardo Boff no livro "Feminino e masculino" na qual ele comenta que, originalmente, esses textos objetivavam mostrar a unidade homem/mulher e fundamentar a monogamia. Entretanto, essa compreensão, que em si deveria evitar a discriminação da mulher, acabou por reforçá-la (Muraro e Boff, 2002).

Teólogas feministas, como Riane Eister e Françoise Gange, observaram que o relato atual do pecado original representa a releitura patriarcal do relato originário matriarcal. Seria uma espécie de processo de culpabilização das mulheres no esforço de arrebatar-lhes o poder e consolidar o domínio patriarcal (Muraro e Boff, 2002: 95).

Os ritos e símbolos sagrados do matriarcado são diabolizados e retroprojetados às origens na forma de um relato primordial, com a intenção de apagar totalmente os traços do relato feminino anterior. Isso foi feito com tal sucesso que até os dias de hoje nos perguntamos se efetivamente existiram as deusas-mães e uma fase matriarcal da humanidade (Muraro e Boff, 2002: 95).

Ronaldo Vainfas diz em seu livro "Casamento, amor e desejo no ocidente cristão" que a sexualização do pecado original foi uma invenção cristã, pois no Gênesis ele aparecia

ligado ao conhecimento e à obediência de vida a Deus, e não ao sexo. Seria por ceder à tentação do conhecer, por querer igualar-se a Deus e por desobedecer a Ele na busca desse conhecimento que, na narrativa bíblica, o homem teria pecado pela primeira vez (Vainfas, 1992: 82).

Foi Santo Agostinho (teólogo cristão ocidental) quem relacionou o sexo ao pecado original. A interpretação sexualizada do primeiro pecado marcou decisivamente o conjunto das éticas cristãs, a visão do homem como um ser fragilizado pelo desejo e a identificação da virgindade com a pureza e salvação. Foi também a partir dessa visão que se estimulou a imagem diabolizada da mulher, em oposição à imagem do "homem espiritual", mais infenso ao pecado (Vainfas, 1992: 83).

No judaísmo, o casamento era considerado ato ligado à procriação, um mandamento divino, uma bênção. Esse pensamento fazia com que, na cultura judaica, homens e mulheres fossem obrigados a se casar, pois deveriam cumprir a obrigação de se reproduzir.

Já no início do cristianismo, diferente da antiga posição dos judeus, o celibato era mais valorizado do que o casamento. Segundo texto de São Paulo, quem não fosse casado cuidaria melhor das coisas do Senhor. O celibato era considerado a única salvação e o casamento apenas uma "necessidade para procriação", dando conotação espiritual à sua prática, comparando-o à união de Cristo com a Igreja.

Embora houvesse essa divergência nos valores do casamento entre hebreus e cristãos, ambos assumiam que a mulher era um ser inferior ao homem, precisava de proteção eterna e tinha de ser vigiada, porque possuía a tendência natural de seduzir e chamar a atenção.

Rose Marie Muraro escreve em seu livro "Depoimentos de Santo Agostinho e São Jerônimo" que a tentação, iniciada por Eva, manchara a moral de toda união carnal, mesmo aquela praticada dentro do matrimônio. A virgindade da mulher passou a ser valorizada e a Virgem Maria tornou-se o modelo que todas as mulheres deveriam seguir. Os padres da Igreja Católica eram homens que rejeitavam o próprio corpo e, portanto, seus desejos sexuais. Assim, a misoginia foi crescendo dentro da Igreja. Esse sistema "antimulher" acabava considerando o casamento algo inferior ao celibato (Muraro, 1993: 99).

Um acontecimento seriíssimo que aconteceu em decorrência desse rigor da Igreja foi a caça às bruxas que aterrorizou toda a Europa do século XIV ao XVIII, pois o tema central

estava voltado para a sexualidade feminina e as relações da mulher com o diabo. (Muraro, 1993: 106).

Marilyn French cita em seu livro "Beyond power" alguns relatos de historiadores que dão conta de que nesse período cerca de 85% das mulheres que viviam na Europa foram condenadas à morte pelos tribunais da Inquisição. Foi uma destruição em massa, que varreu da face da terra grande contingente de seres humanos do sexo feminino, um dos maiores genocídios da história da humanidade (Muraro,1993: 111).

A Igreja, uma instituição poderosa e manipuladora de arquétipos, usou a Santa Inquisição, órgão diretamente ligado ao papado, com o objetivo principal de reprimir e condenar as mulheres, considerando-as "bruxas", cúmplices de Satanás, autoras do pecado original. Satanás, considerado um espírito imundo, estaria sempre ligado ao homem pelos órgãos sexuais; e esse primeiro pecado, que levou o ser humano a se apossar da árvore do conhecimento, passa a ser sexualizado pelo inconsciente coletivo.

No livro "O martelo das feiticeiras", manual usado pelos inquisidores para torturar e matar os acusados de bruxaria, consta que os inquisidores trataram como imundo o orgasmo feminino: "Porque uma mulher só pode ter orgasmo (que é uma coisa proibida por Deus) se ela copulou com Satanás. Mesmo que ela tenha tido um homem, vocês podem ver uma fumacinha preta que é Satanás, ensinando a mulher a ter orgasmo. (…)" (Muraro, 2000: 39).

Qualquer transgressão era pretexto para "queimar" na fogueira, e logicamente essas mulheres tachadas de bruxas foram as primeiras a serem mortas. Há um exemplo de uma cidade com população de 800 mulheres que, em apenas um dia, teve 798 delas eliminadas. Foi o caso, por exemplo, na cidade de Trier, na Baviera (Muraro, 2000: 39).

De acordo com a visão classista do inquisidor, as bruxas eram muito poderosas, uma ameaça a todos. Por serem capazes de ter intimidade com o demônio, as feiticeiras poderiam desencadear todos os males do mundo, como a impotência masculina, a impossibilidade de livrar-se de paixões desordenadas, os abortos, as oferendas de crianças a Satanás, o estrago de colheitas, as doenças nos animais…Tudo o que já estava em embrião devido à interpretação malfeita da história de Adão e Eva agora se concretiza (Muraro, 2000: 72).

Se nas culturas de coleta as mulheres eram quase sagradas por serem férteis e por isso grandes estimuladoras da fecundidade da natureza, agora elas são, por sua capacidade orgástica, as causadoras de todos os flagelos a essa mesma natureza.

A perseguição às bruxas nada teve de histeria coletiva, ao contrário, foi muito bem planejada pela classe dominante, o que permitiu maior centralização de poder (Muraro, 2000: 72).

Quando essa perseguição cessou, no século XVIII, houve uma grande transformação na condição feminina. As mulheres se reduziram ao âmbito doméstico, pois sua ambição também era passível de castigo. As mulheres se tornam frígidas, pois ter orgasmo era estar em comum acordo com o diabo e passível de punição. O saber feminino e suas atividades, como médicas, parteiras, curandeiras, é desclassificado pelo poder médico masculino já solidificado. As mulheres perdem o acesso ao estudo, como na Idade Média, e passam a transmitir a seus filhos valores patriarcais já introjetados por elas (Muraro, 2000: 73).

Mesmo depois de tanta injustiça cometida contra as mulheres, claro que sempre com o "consentimento de Deus", a Igreja continuou com sua postura radical, controlando a sociedade de acordo com os seus interesses, conivente com as ações masculinas, principalmente em relação à mulher no casamento. Como a história da esposa normalmente foi relacionada à história da religião, até hoje em várias partes do mundo é o sistema religioso quem determina o destino das mulheres casadas.

O comprometimento das religiões com as injustiças é muito grande, pois não fizeram nada para alterar o comportamento masculino; pregaram durante muito tempo a castração das mulheres, como método para reduzir o seu poder de sedução, como meio de impedi-las de pecar.

Preferiram não usar seu grande poder para se manifestar contra um dos maiores pecados perante Cristo que é a violência ao próximo, pois foi ele mesmo quem pregou o amor, a igualdade de direitos e o perdão entre as pessoas.

Quando me refiro ao casamento como sacramento, cujo significado fornecido pelo dicionário Aurélio é: "Sinal sagrado instituído por Jesus Cristo para distribuição da salvação divina àqueles que, recebendo-o, fazem uma profissão de fé", penso como pode ser um sinal sagrado instituído por Cristo e, ao mesmo tempo, instigar a desigualdade entre homens e mulheres, pois até hoje as regras para um e para outro são diferentes perante a

Igreja. Através do confessionário a Igreja detinha total controle pela sociedade, mas não podemos nos esquecer que a Igreja é uma instituição patriarcal.

No livro de Nuria Varela, "Íbamos a ser reinas", a escritora espanhola fez uma pesquisa grande sobre violência de gênero em um país muito católico como a Espanha, e nos fala da cumplicidade existente entre os homens e a Igreja.

As religiões patriarcais vêm construindo as culturas do mundo – pregam que as mulheres têm de se subordinar aos homens. Silêncio de uma doutrina da qual são cúmplices por ação e omissão, pois através dos confessionários puderam controlar a sociedade durante tanto tempo. E ela pergunta em seu livro: "O que a Igreja católica fez com relação à violência contra a mulher? Quantos documentos ou discursos foram produzidos no Vaticano condenando os maus tratos contra a mulher? Seu silêncio sempre foi demasiado. O que dizem hoje, os padres e sacerdotes às mulheres no confessionário? A resposta é uma só 'RESIGNAÇÃO' (Varela, 2002: 163)".

Até hoje o discurso é o mesmo dentro das Igrejas. Durante minha permanência na delegacia da mulher, pude constatar através de vários depoimentos que essas mulheres, para quem a última alternativa é denunciar seus parceiros, recorreram anteriormente muitas vezes às Igrejas. Lá, pediram conselho aos padres, perguntaram se deveriam recorrer à Justiça e a resposta é sempre a mesma: resignação, perdão e muita oração, pois tanto as organizações de mulheres como as delegacias foram coisas criadas pelo homem. O que elas deveriam é pedir perdão a Deus por terem manifestado esse tipo de idéia, rezando muitas Ave Maria.

Poder masculino e sua influência no casamento

O patriarcado influenciou de forma violenta o relacionamento homem e mulher, o casamento e o afeto entre os casais e a vida das mulheres em geral. Desde a Antigüidade, a mulher era vista como um produto, uma mercadoria a ser negociada, e o casamento considerado um contrato familiar. A noiva precisava ter atrativos, como ser bonita, jovem, virgem e ainda possuir um belo dote.

E se, no entanto, o marido suspeitasse de que a noiva não fosse mais virgem, ele poderia matá-la. Isso, de acordo com as palavras contidas no livro sagrado dos judeus, o

Torá: "Então eles a levarão à porta da casa de seu pai e os homens de sua cidade a apedrejarão até que morra" (Dt 22:21 Yalom: 2002: 24).

Também segundo a tradição judaico-cristã, após o casamento a noiva era obrigada, por lei e por costume, a obedecer a seu marido, uma exigência tão fundamentalmente ligada às idéias bíblicas que foi mantida nos votos dos casamentos até quase o final do século XX. As esposas eram assim consideradas "propriedades" de seus maridos, como seus castelos e escravos. Além disso, a mulher precisaria gerar filhos. Caso fosse estéril ou incapaz de satisfazer seu marido, este poderia trocá-la por outra, exatamente como uma mercadoria quando comprada com defeito.

No entanto, para a mulher, o casamento era indissolúvel, um caminho sem volta. De acordo com a Bíblia, a mulher não tinha direito ao divórcio.

Pela lei hebraica, o adultério era permitido somente para os homens. Para as mulheres era considerado crime e, como punição, poderiam ser apedrejadas até a morte.

Ao contrário da lei de Moisés, Jesus chegou a contestar a punição excessiva concedida às mulheres adúlteras, com estas palavras: "Aquele que estiver sem pecado, atire a primeira pedra". Essa ênfase, que Jesus procurou dar na compaixão e não na vingança, na igualdade de todos os homens e mulheres em relação ao pecado, não surtiu efeito na sociedade cristã, que continuou a punir fortemente as mulheres adúlteras. Até os dias de hoje, o adultério é ainda mais permissivo para homens do que para mulheres.

Tanto o judaísmo como o cristianismo forneceram modelos duradouros de boas e más esposas. Todas as mulheres eram consideradas filhas de Eva, portanto capazes de conduzir os homens ao pecado, para o mau caminho. Mas as grandes matriarcas do Velho Testamento, como Sara, Rebeca, Raquel e Lia eram exemplos de "mulher virtuosa". Ainda para os cristãos, Maria "tornou-se um símbolo de esposa ideal" (Yalom, 2002: 37).

Casamento como um sacramento

Na civilização greco-romana, os casamentos eram contratos familiares, arranjados por questões políticas, sociais e econômicas. Não era esperado que os noivos estivessem apaixonados. As mulheres, normalmente adolescentes de 14 ou 15 anos, nem

conheciam o futuro marido. Eram experiências extremamente traumáticas para aquelas meninas (Yalom, 2002).

Diante de tantas frustrações dos casais, a Igreja católica promoveu duas alterações que provocaram alguns efeitos benéficos e duradouros. Primeiro, os noivos deveriam se casar na presença de testemunhas, diante de um padre ou sacerdote e dentro da própria igreja. Segundo, o consentimento do pai passou a ser subestimado e o desejo mútuo dos futuros esposos foi estabelecido como critério principal para tornar um casamento válido. "Esta doutrina revolucionária perduraria e se estenderia através dos séculos" (Yalom, 2002: 69). Antes da Idade Média, os países europeus, em sua maioria, seguiam o modelo romano de casamento, que exigia o consentimento dos noivos e de seus pais.

Durante muito tempo os teólogos da Igreja condenaram o casamento e pregaram a castidade.

Do século XII em diante, início da Idade Média, Pedro Lombardo (Vainfas, 1992: 31) incluiu o matrimônio no rol dos sete sacramentos. O casamento passou a ser considerado um ato sagrado, uma cerimônia destinada a obter a graça de Deus, por isso a união do casal não poderia ser desfeita (Vainfas, 1992).

O casamento uma vez sacramentado, a vida do casal tinha que ser devassada e ordenada.

A confissão, que se tornou obrigatória pelo Concílio de Latrão, em 1215, passou a ser a forma pela qual a Igreja controlaria as famílias, vigiando os casais (Vainfas, 1992: 37).

Apesar dos decretos religiosos durante o início da Idade Média, período em que as cerimônias nas igrejas surgiram, os casamentos não tinham se tornado costumeiros e nem tampouco obrigatórios. Nessa época, o noivado oficial era realizado quando os arranjos financeiros entre as famílias eram determinados.

O casamento do início da época medieval era o meio pelo qual "o poder fazia alianças e transmitia heranças" (Yalom, 2002: 73). Cabia aos pais a responsabilidade de encontrar os melhores parceiros para os filhos, assegurar uniões apropriadas e manter o status na próxima geração. Por esse motivo, as filhas tinham pouca oportunidade de perder a virgindade antes do matrimônio, o qual acontecia muito cedo.

"Com o tempo, no entanto, a pressão religiosa para divulgar os casamentos e conduzi-los para a igreja começou a se fazer presente em toda a Europa" (Yalom, 2002:

75). Porém, realizar o casamento "na igreja" significava geralmente "na porta da igreja", na entrada ou em um dos portais laterais.

Esse ritual era muito semelhante ao atual, com a diferença de que a mulher prometia "ser obediente e servi-lo", o que significava ser submissa ao marido. E antes do término da cerimônia o padre perguntava a respeito do dote da noiva, o dinheiro ou propriedade que estava levando para o marido. A cerimônia encerrava-se com uma oração e benção. Nesse momento, as portas da igreja eram abertas para a celebração da missa nupcial. Mas a validade do casamento ocorria antes dessa missa.

Somente a partir do final da Idade Média o casamento passou a acontecer dentro da igreja, prática que se tornou obrigatória para os católicos depois do Concílio de Trento, em 1563.

Com o reconhecimento do casamento como um sacramento, este se tornou monogâmico. Embora esses matrimônios não fossem dirigidos aos judeus da Europa, os quais tinham suas próprias leis e rituais, eles também foram influenciados pela cultura cristã e muitos adotaram a monogamia.

Quanto às mulheres, o patriarcado e suas imposições fizeram com que elas se convencessem de que o casamento era a melhor alternativa para o destino de suas vidas. Eram condicionadas a ter grande número de filhos, a cuidar do lar e a satisfazer todos os gostos do marido. No sistema feudal, a esposa, independente de sua classe social, era subserviente ao marido, existia apenas para servi-lo.

Na Itália católica medieval, o sistema de dotes fornecia a estrutura necessária para que o casamento fosse a melhor alternativa de vida para as pessoas de todas as camadas da sociedade. Os pais eram obrigados por lei a considerar suas filhas como um "dote", portanto como "patrimônio" da família. Cada filha recebia certa quantia de dinheiro para ser usada no casamento, enquanto os filhos homens herdavam o resto da propriedade paterna. Mais que uma quantia em dinheiro, o dote era "um símbolo que valorizava a noiva, sua família e o novo casal" (Yalom, 2002: 109), por possibilitar que o casal iniciasse a vida com um capital.

Com o passar do tempo, os dotes foram atingindo valores tão altos que se tornou cada vez mais difícil para as famílias arcarem com o pagamento dos dotes de suas filhas. Assim, muitas mulheres jovens optaram pela vida num convento, em vez de se casarem. Essa era uma alternativa mais barata, pois o custo para se viver num convento na época era

a metade do valor médio de um dote. Portanto, não existiam muitas alternativas para as mulheres: ou se casavam com um senhor desconhecido ou se casavam com Deus.

No século XVI, William Gouge, influente sacerdote puritano, casado, declarou que o amor era um dever indubitável, peculiarmente relativo ao papel do marido, e deveria ser mesclado a tudo que ele fizesse com relação à sua esposa. Esse foi o nascimento da primazia do amor nos acordos de casamento deste período (Yalom, 2002).

Eric Carlson, historiador que estudou as práticas matrimoniais entre o povo do campo e das vilas e cidades de Tudor, afirmou que a consideração mais importante no casamento era o amor. Até mesmo entre a nobreza e pessoas bem-nascidas, os casamentos por amor aumentavam.

Dos europeus naturais do continente, os ingleses, de modo geral, pareciam ser os que preferiam considerar razoável somente o casamento realizado por amor, embora os sacerdotes da época continuassem a pregar sua herança patriarcal, lembrando sempre que as mulheres deviam obediência aos maridos.

Submissão e a violência no casamento

Nessa época o casamento era considerado status e proteção para as mulheres. Elas foram condicionadas a acreditar que não deveriam permanecer solteiras. Porém, casar-se significava também desistir da liberdade e tornar-se subordinada ao marido, aceitar sua autoridade, seus caprichos e, algumas vezes, suas ameaças.

A submissão da esposa ao marido foi levada para a Nova Inglaterra pelos ingleses. Não era absolutamente comum mulheres escreverem poesias no século XVII, nem na Inglaterra, nem no Novo Mundo, pois cerca da metade delas não sabia ler, e um número ainda maior não sabia escrever.

"Registros de diagnósticos feitos pelo médico Roberto Napier, no início do século XVII, abordando mais de mil pacientes mulheres tratadas por doenças mentais, concluíram que elas eram perturbadas especialmente em decorrência da opressão que sofriam como filhas e esposas" (Yalom, 2002: 146).

Muitos colonizadores da Nova Inglaterra continuavam pensando que a mulher não deveria ocupar-se com muitas coisas que seriam próprias dos homens, pois estes sim teriam mentes fortes. A condenação surgia quando alguma mulher se destacava intelectualmente, como o caso de Anne Yale Hopkins (poeta), esposa do governador de Connecticut, Edward Hopkins. Ela foi acusada de possuir uma alteração mental causada por "entregar-se totalmente à leitura e à escrita". O diagnóstico feito foi baseado em antigas crenças da esposa ideal: "Se ela tivesse cuidado de seus afazeres domésticos e de outras coisas próprias às mulheres… teria mantido suas faculdades mentais e poderia tê-las aperfeiçoado de maneira útil e honrada, seguindo os desígnios de Deus" (Yalom, 2002: 156). Anne Yale Hopkins precisou se defender contra a rigorosa comunidade de puritanos, para quem a expressão poética era considerada exclusivamente masculina.

Outro exemplo ocorreu em 1687, quando Sarah Harrison Blair, durante a cerimônia de seu casamento no Estado da Virgínia, EUA, negou-se a repetir a frase que o sacerdote tradicionalmente perguntava: "você promete obediência a seu marido?" "Obediência, não", respondeu ela (Yalom, 2002: 169). Embora o sacerdote tivesse insistido na pergunta, o casamento finalizou como ela desejava. Não houve voto de obediência.

Ainda por volta do ano de 1800 podemos observar que era impossível para as mulheres manterem sua auto-estima elevada. De acordo com a historiadora Mary Beth Norton, a partir de leitura de diários femininos, ela constatou que as declarações comuns masculinas fizeram com que as mulheres se convencessem de sua inferioridade e, quanto mais fracas, menos possibilidades tinham de mudar essa situação.

A permissão, reconhecida pela lei inglesa, da "correção física moderada" caso a esposa não se comportasse adequadamente significava que o marido poderia espancá-la ou trancá-la no quarto, desde que isso não provocasse ferimentos graves ou perda da vida. Muitas mulheres conseguiram escapar de seus maridos, mas a grande maioria, naquela época, sofreu calada (Yalom, 2002).

Ainda na idade medieval, pelas leis alemãs, um marido poderia dispor das propriedades de sua esposa, suas jóias e bens pessoais como bem quisesse. E tinha o direito de espancá-la, caso ela não cumprisse seus desejos. Conclusão: durante o auge do patriarcado, na maioria dos países, as esposas eram punidas por seus maridos da maneira que lhes conviesse. Só não lhes era permitido praticar o assassinato.

O espancamento era até uma prática bem aceita, sancionada por lei e pelos costumes da época. Esse ato violento era permitido aos maridos para impor autoridade às mulheres, mesmo usando e abusando de maus-tratos. Isso não desapareceu com a Idade Média. O espancamento foi praticado e considerado legal em muitos lugares até o século XIX. Mesmo depois, quando passou a ser proibido por lei, continuou a existir como prática comum de trato às esposas em todas as raças e classes sociais (Yalom, 2002).

No passado, o matrimônio era uma instituição pela qual os homens eram confirmados como os donos de suas esposas em termos religiosos e legais. O fato de a mulher, na cerimônia de casamento, ter de continuar a prometer obediência a seu marido fez com que muitas mulheres inglesas se rebelassem contra sacerdotes puritanos da época, porque em livros sobre comportamento no casamento eram dados conselhos contraditórios. Por um lado, era dado apoio ao domínio dos homens como uma determinação de Deus, cuja origem estaria no Gênesis. Por outro, promoviam a noção de reciprocidade inspirada em São Paulo (CI 3: 18-20, e Ef 5: 21-33) (Yalom, 2002: 133).

As esposas também não concordavam com os conselhos de William Gouge, sacerdote puritano do século XIV, que pregava em seus sermões semanais que as esposas deveriam ser humildes e alegres o tempo todo, mesmo quando seus maridos lhes fizessem uma reprovação injusta. Ele comparou metaforicamente os papéis de marido e esposa no casamento: o homem, a cabeça; a mulher o coração, ambos necessários à sobrevivência do casal. Gouge concluiu que, mesmo em situações em que existe uma eqüidade, não há igualdade, pois o marido ainda estará sempre numa posição de superioridade em relação à mulher.

Contudo, no final do século XVI, Gouge e seus colegas puritanos promoveram um recuo nas práticas patriarcais, proibindo a surra como forma de punição para as esposas, numa época em que surrar a mulher era considerado um procedimento regular pelos tribunais da Igreja (Yalom, 2002: 135).

Quanto às mulheres negras, foram as que mais sofreram, pois na condição de escravas, fossem elas casadas ou solteiras, com ou sem bebês, eram sempre sujeitas ao assédio sexual de seus donos e capatazes. Caso fingissem que estavam doentes para não ceder aos abusos, eram espancadas. Quando casadas, eram obrigadas a ter muitos filhos, pois esses muitas vezes eram comercializados (Yalom, 2002).

As primeiras mudanças: as feministas

Mesmo diante de tanta violência e submissão ao longo dos séculos, a mulher pôde modificar o "destino imposto pelo poder masculino" e algumas começaram a se destacar.

No século XVIII, quando uma certa consciência política começou a ser tomada pelas mulheres ocidentais, Abigail Adams, esposa do segundo presidente dos Estados Unidos, John Adams, era um exemplo de esposa daquele século. Ela vivia por um ideal e lutou pela transformação dos casamentos. Em uma carta enviada ao marido, na época membro do comitê que delineava a Declaração de Independência, em 1776, intitulada "Para lembrar as mulheres", ela tinha em mente manter vivo o debate para alterar a relação entre os cônjuges.

A carta dizia: "Não coloquem poderes ilimitados nas mãos de seus maridos, lembrem-se de que todos os homens seriam tiranos se assim pudessem". Em seguida, ela sugere um novo tipo de relacionamento para os casais, no qual os homens, incluindo o marido, pudessem mudar a forma de tratar suas esposas. O marido passaria a representar em vez da posição de mestre, para uma mais afetuosa, a de um amigo.

Sua carta foi corajosa, porém a resposta de seu marido foi patronal. Embora tenha se manifestado contra a atitude de sua esposa, seu comportamento em casa mudou, ele tornou-se mais "amigo".

Uma década depois da independência americana, em 1786, durante a Revolução Francesa, muitas mulheres lutadoras também tiveram destaque. É o caso de Madame Roland e de Madame Le Bas. A exemplo delas, as mulheres republicanas perceberam como podiam se envolver na vida pública de seus maridos e como também podiam correr o risco de serem condenadas pelas atividades políticas deles (Yalom, 2002).

As mulheres pobres sempre foram grandes questionadoras. Elas tomaram parte em todas as revoltas camponesas, da Reforma Protestante até a Guerra Civil inglesa. Na Revolução Francesa, uma enorme multidão enfurecida de mulheres do povo avançou sobre Versalhes e foram elas que tomaram a Bastilha, pondo fim à monarquia. Naquela época, a miséria do povo francês era enorme e foram as mulheres que tomaram a iniciativa dos atos mais heróicos em defesa do pão para seus filhos.

Quando a monarquia já havia sido destronada, foram as mulheres que reivindicaram seus direitos junto à Assembléia do Povo, exigindo, após a Declaração dos Direitos do

Homem, que fosse redigida a Declaração dos Direitos da Mulher. Mas quando a autora dessa declaração, Olympia de Gouges, foi apresentá-la à Assembléia reunida, os deputados do povo responderam: "A Revolução Francesa é uma revolução de homens. Não podemos conceder os direitos da mulher porque hoje foi o dia em que nasceram os direitos dos homens…" E Olympia de Gouges, junto com Madame Roland, foi condenada e decapitada logo depois, por serem suas tendências consideradas audaciosas para a época (Muraro, 1993: 128).

A mulher divorciada não tinha direito de ver os seus filhos, pois sua custódia pertencia ao marido. Porém, duas mulheres contribuíram para o movimento da reforma conjugal: Caroline Sheridan Norton e Barbara Leigh Smith Bodichon, na primeira metade do século XIX.

O casal Norton se separou em 1836 e o marido se negava a pagar a pensão à ex-esposa, apesar de quase toda a propriedade que ela herdara dos pais ter sido transferida ao marido. Caroline Norton tentou sobreviver escrevendo, mas por lei sua renda pertencia ao marido que, de tempos em tempos, tentava se apoderar de seus ganhos. Ela colaborou com a aprovação do Ato de 1839, o qual permitia às mulheres divorciadas terem acesso a seus filhos, após escrever um panfleto sobre o seu descontentamento e de outras mulheres que vivenciavam a mesma situação.

Barbara Leigh Smith Bodichon, filha de um influente membro radical do Parlamento, escreveu seu panfleto em 1854. A Brief Summary in Plain Linguage of the Most Important Laws Concerning Women (Um breve resumo, em linguagem simples, das leis mais importantes relativas à mulher) tornou-se um documento-chave no debate parlamentar na metade do século XIX. Legisladores e mulheres esclarecidas atraíram-se pelo panfleto. Estas organizaram um comitê para reunir provas do sofrimento vivido por mulheres casadas durante a vigência dessas leis. Em março de 1856, uma petição com 26 mil assinaturas, entre elas as de escritoras notáveis, como Elizabeth Barret Browning, Harriet Martineau e Elizabeth Gaskell, foi apresentada ao Parlamento. Elas reivindicavam proteção legal sobre o trabalho feminino. Particularmente à mulher pobre, cuja renda era tirada pelo marido e gasta em bebidas (Yalom, 2002).

Em 1882, baseadas no projeto legal da propriedade, as mulheres acrescentaram outras medidas à lei anterior. Daquela data em diante a esposa inglesa poderia obter tudo

o que tinha antes de casar ou o que adquiriu depois do casamento como também fazer contratos, dispor de sua propriedade para venda ou doação, processar ou ser processada.

Para a esposa cujo marido tivesse cometido violência doméstica foram acrescentadas condições especiais. "Ela poderia solicitar um mandato para proteger seus rendimentos e sua propriedade. O marido poderia ser impedido de visitar a esposa sem o seu consentimento. Ela poderia receber a custódia legal dos filhos de até os dez anos de idade e sustentar-se à custa do marido, que era obrigado a fazer um pagamento semanal para os seus cuidados e dos filhos" (Yalom, 2002: 219). Essas condições não colocaram um fim no espancamento de esposas e em outras formas de abuso doméstico. Porém, a lei estabeleceu os procedimentos para se lidar com essa forma de agressão.

Embora as leis conjugais americanas fossem semelhantes às inglesas, alguns estados ao longo do século escreveram versões mais favoráveis às mulheres. Em 1848, feministas reformistas encontraram-se em Seneca Falls, perto de Nova York, nos Estados Unidos, levantando uma bandeira, "Mulheres do mundo inteiro uni-vos". Foi a primeira vez que elas se manifestaram juntas, eram mulheres casadas (Muraro 1993: 131).

A convenção de Seneca Fall e toda a história subseqüente a respeito do movimento dos direitos femininos surgiram das insatisfações das donas de casa americanas.

Essas líderes do movimento feminista como, Elizabeth Cady Stanton e Susan B. Anthony, concordaram que o casamento era "a base de todas as reformas" para as mulheres, pois eram rebaixadas dentro do matrimônio. Essas reformistas consideravam o casamento como uma forma de escravizar a mulher, similar à instituição da escravidão. Para Stanton, o casamento aceitável era o baseado no amor, na igualdade entre os sexos e na simpatia.

O direito ao voto que aconteceu em 1920 foi mais uma conquista de direitos da mulher e, em decorrência disso, uma nova mulher nasce (Yalom, 2002: 343).

Estudos feitos antes do período de guerra, na década de 1930, afirmavam que muitas mulheres viam no casamento um grande status, pois as "solteironas" eram desprezadas. Se a mulher aos 20 anos ainda estivesse solteira era considerada velha e "encalhada" (Yalom, 2002: 236).

Simone de Beauvoir em seu livro "O segundo sexo" já dizia que o problema da mulher está na dependência feminina em relação à renda do marido, e que isso era a

principal razão para o seu papel secundário. Concordo com ela, pois até hoje, quando o marido é o provedor da casa, ele tenta manipular a mulher com o seu poder.

Charlotte Perkins Gilman fala em seu livro "As mulheres e a economia" que o trabalho em pé de igualdade com os homens era visto como uma força de libertação para as mulheres. Ela também chegou à conclusão de que a riqueza que o homem conseguia fora de casa se devia ao trabalho doméstico da esposa (Yalom, 2002: 320).

Durante a Segunda Guerra Mundial, com a partida de seus maridos para a guerra, a mulher foi estimulada pelo governo e pela mídia a trabalhar fora de casa, como forma de ajudar a manter a família. Muitos pôsteres publicitários foram colocados na rua com o propósito de incentivar as donas de casa que até então tinham sido condicionadas a permanecer exclusivamente no lar. Com os filhos mais independentes, as mulheres agora sentiam o prazer de trocar as panelas por um trabalho remunerado (Yalom, 2002: 355).

A guerra não era bem vinda a ninguém, mas acabou oferecendo novas oportunidades para as mulheres, levando-as a ocupar posições de responsabilidade e independência, que sempre lhes foram negadas.

Com o término da guerra, os maridos voltaram para casa e quiseram ocupar seu lugar na família. Pedem às esposas que abandonem o trabalho e voltem para a vida doméstica, pois o lugar da mulher é no lar, cuidando da família, e assim, cedendo seu lugar ao chefe da casa.

Novos cartazes publicitários surgem, agora contradizendo as mídias anteriores. Pedem para as mulheres deixarem o trabalho e voltarem para a vida doméstica. Imagens da mãe e da rainha do lar se propagaram através do governo e das empresas.

Os jornais publicavam artigos aconselhando como as mulheres deveriam agir para o casamento dar certo. Era importante que elas se preocupassem com o gosto do seu marido, com a comida, a arrumação da casa e com sua aparência física. Realizar os desejos dele, mesmo que fosse só por capricho (Yalom, 2002: 385).

A domesticidade estava novamente na moda, e esperava-se que preenchesse as necessidades básicas da esposa. Caso contrário, havia algo de errado com ela. São comuns frases como "É a mulher que constrói ou destrói o casamento", que atribuem a culpa de tudo que acontecia de errado na família à mulher.

Betty Friedan, líder feminista, foi casada com um empresário bem sucedido, teve três filhos e, aos 43 anos, jogou tudo para o alto em busca de liberdade para ela e para as outras mulheres. Ela escreveu o livro "Mística feminina" que teve uma grande repercussão nos Estados Unidos, influenciando a cabeça de muitas mulheres que já estavam prontas para as mudanças sociais. Nesse livro, ela aborda a problemática que a mulher norte-americana vinha sofrendo, e o desenvolvimento disso em função da falta de autonomia da mulher. Friedan nomeia a situação de "o problema sem nome": a mulher só existia para ser esposa e mãe e era manipulada para manter esse padrão social (Friedan, 1963).

Apesar da luta dos movimentos feministas nos anos 1960 e 70, e de todas as conquistas que a mulher tem obtido, tanto no aspecto sexual como na vida pública, o índice de violência contra a mulher vem crescendo a cada dia. Acredito que o fato da mulher tentar se libertar de todas as amarras que a tradição patriarcal lhe impôs tem sido uma terrível ameaça para os homens e, em função disso, ele usa sua força física, que inegavelmente é superior à da mulher, como forma de poder, para intimidá-la.

Recentes são os esforços em propiciar ajuda às mulheres que são espancadas por seus maridos. Apagar essa prática considerada hoje um crime é uma corrida contra séculos de tradição e impunidade.

Para obter mais informações sobre a violência contra a mulher e conseqüentemente mais bagagem para a realização do meu trabalho plástico, resolvi freqüentar uma delegacia da mulher para conviver um pouco com essa realidade e ter certeza de que as mulheres ainda eram espancadas por seus companheiros, Também para saber qual era a atitude dessa mulher; se "as vítimas" procuravam as delegacias para denunciar o agressor. E de que maneira eu, como artista, poderia continuar contribuindo com meu trabalho e meu carinho a essas mulheres.

2. Experiência na delegacia da mulher

A delegacia da mulher escolhida situa-se na periferia de São Paulo. Especificamente na Zona Leste, pois de todo o Estado essa é a região com o maior índice de denúncias de maus-tratos à mulher.

Durante cinco meses, todas as quartas-feiras, ao chegar pela manhã à delegacia, sempre encontro, sentada no mesmo banco, uma silhueta feminina esperando sua vez. A espera muitas vezes é longa. São mulheres que, depois de muito perdão, resolvem delatar seu companheiro, mães que denunciam o genro por não agüentarem mais presenciar as filhas em sofrimento, filhas que acusam o pai, por não suportarem conviver mais com os mesmos conflitos.

Converso com essas mulheres. Emociono-me com suas dificuldades e desejo sempre poder fazer algo para tentar mudar essa situação. Conto a elas que sou uma artista e que realizo performances cujo conteúdo tenciona modificar a condição da mulher que ainda sofre violência no ambiente doméstico.

Esse período de convivência com a problemática que envolve essas mulheres fez me constatar a urgência de socorro a uma classe ainda muito vulnerável ao sistema patriarcal. São mulheres fragilizadas pela situação econômica em que o Brasil se encontra, refletida de forma mais intensa na vida delas. Por isso, a dificuldade que elas encontram em se libertar desse agressor é ainda maior, seja ele o marido, genro ou o pai, pois moram todos juntos em uma casa de no máximo dois cômodos.

No caso das esposas vitimizadas deixarem a casa, os filhos sempre acompanham a mãe. Conseguir um lugar para viver junto com os filhos é sempre mais um problema, ou melhor, é quase impossível. O marido agressor, por sua vez, não quer abrir mão da casa e da família, então continua ameaçando e maltratando a mulher. A casa é o único patrimônio do casal, onde também vivem os filhos. É comum o casal ter de dois a cinco filhos. É uma realidade muito mais difícil de ser resolvida.

Tenho conversado muito com a delegada na tentativa de entender o procedimento da Justiça relacionado a esses fatos. Segundo a delegada, quando ela recebe essas denúncias, tenta "contemporizar a situação". Ela acredita que, se houver a separação, esse marido – considerado por ela "doente" em função de suas atitudes no lar, constituirá uma nova família e agirá da mesma forma. O que provocará um aumento do índice de pessoas atingidas por um lar violento na sociedade.

Quando encontro com essas mulheres vitimizadas me envolvo emocionalmente com cada uma delas e também me preocupo com a atitude adotada pela delegada em seu dia-a-dia. Se por um lado ela se preocupa com a sociedade como um todo, por outro cada

mulher individualmente tem urgência na solução do seu problema. A contemporização causa um adiamento na resolução da situação e um prolongamento do sofrimento.

Por outro lado, quando esses homens são convocados a depor, a punição que

recebem é mínima. São condenados a pagar uma cesta básica, ou prestar algum serviço à comunidade. Acredito que se a lei fosse mais rígida, punindo-os de forma mais rigorosa, poderia causar uma inibição no comportamento desses agressores e conseqüentemente uma diminuição nos casos de violência.

Trato a seguir da série de desenhos e conto um pouco como pude realizá-los durante a minha permanência na delegacia da mulher.

"Mulheres divididas"

Mulheres divididas é uma série de desenhos que realizei no período dessas visitas. Quando chegava a delegacia, depois de passar pela porta principal, encontrava ao lado direito dois bancos de espera, lá eu me sentava, como se fosse uma delas, observando o semblante de cada uma, o olhar voltado para baixo, o silêncio, a imobilidade, a lágrima contida, as roupas, os sapatos, as diferenças. Tudo isso foi me seduzindo. Pensei na quantidade de mulheres que já passaram por aquele mesmo banco, cada uma com a sua história. Quis, de alguma maneira, registrar aquele momento, sem que isso criasse qualquer tipo de constrangimento para aquelas mulheres. Com um bloco de papel na mão e um lápis, passei a desenhar aquele instante único, o da espera.

Essa espera era tão longa, que pude até registrá-la de forma detalhada. Concentrada na parte inferior do corpo delas, o resultado foram corpos femininos divididos ao meio. Ao meio não só porque escolhi uma parte para observar e traçar, mas também porque estão sempre divididas, entre o amor e a dor. Muitas vezes, ainda amor pelo parceiro que a violenta; outras vezes amor a Deus que, através da voz do homem, lhes pede paciência e resignação perante o sofrimento.

Desenhava compulsivamente e a cada nova mulher, um novo registro. Mantendo sempre o foco na mesma direção, o desenho foi formando diferentes mulheres, ocupando sempre o mesmo lugar, no mesmo banco.

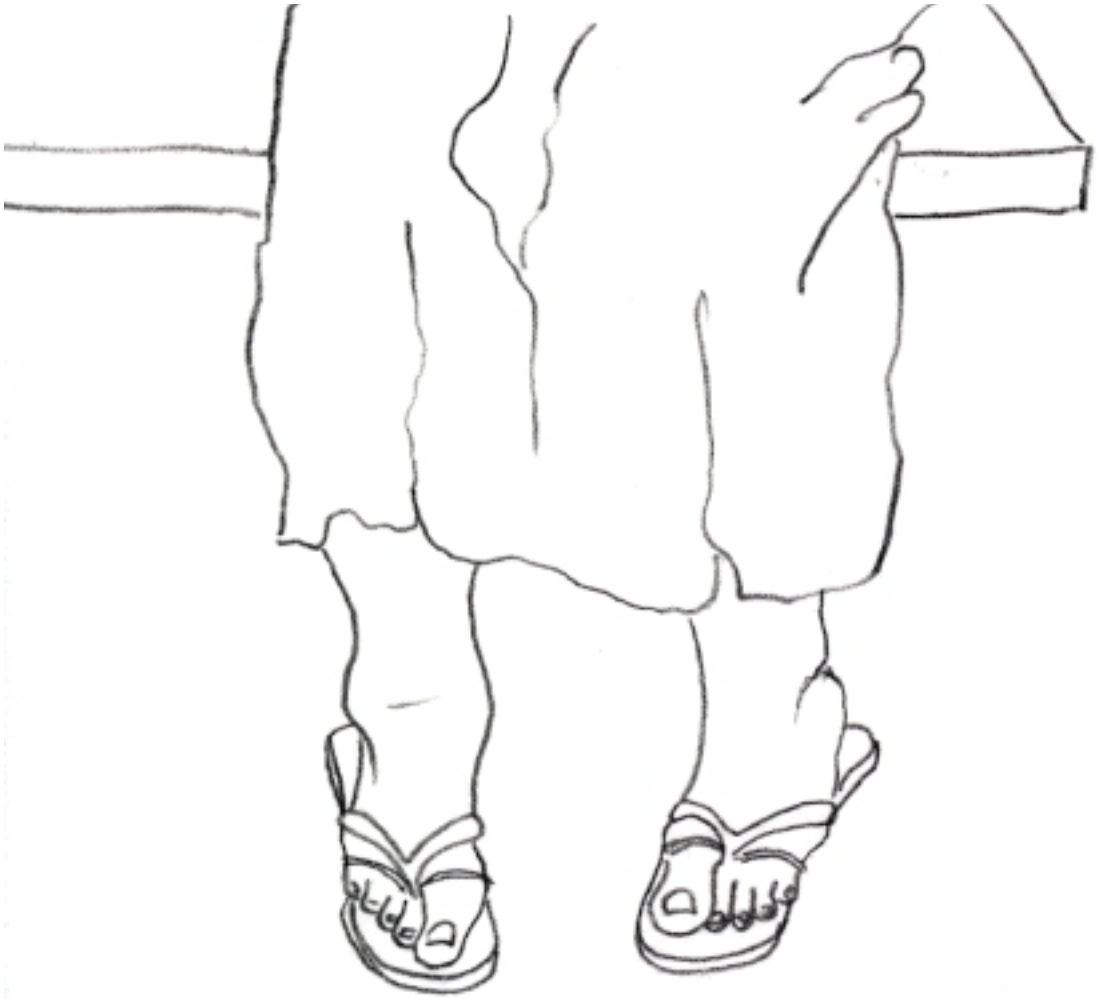
No término do trabalho, conversava com cada uma das mulheres e, com isso, pude notar a carência em que se encontravam. Precisavam de alguém para ouvi-las, desejavam dividir as angústias. Me propus a escutá-las, ao mesmo tempo em que anotava o depoimento de cada uma delas. São esposas, mães e filhas, mulheres violentadas de forma física e psíquica. São mulheres que, depois de muito perdão, resolvem delatar seu companheiro. São mães que denunciam o genro por não agüentarem mais presenciar a dor de suas filhas , ou filhas que acusam o pai por não suportarem conviver mais com os mesmos conflitos.

Esses desenhos mostram a cara desse sofrimento, não retratam ninguém, não identificam quem é a mulher, são apenas linhas que percorrem o papel, formando diferentes pernas, pés, palavras…

A seguir, os desenhos e depoimentos.

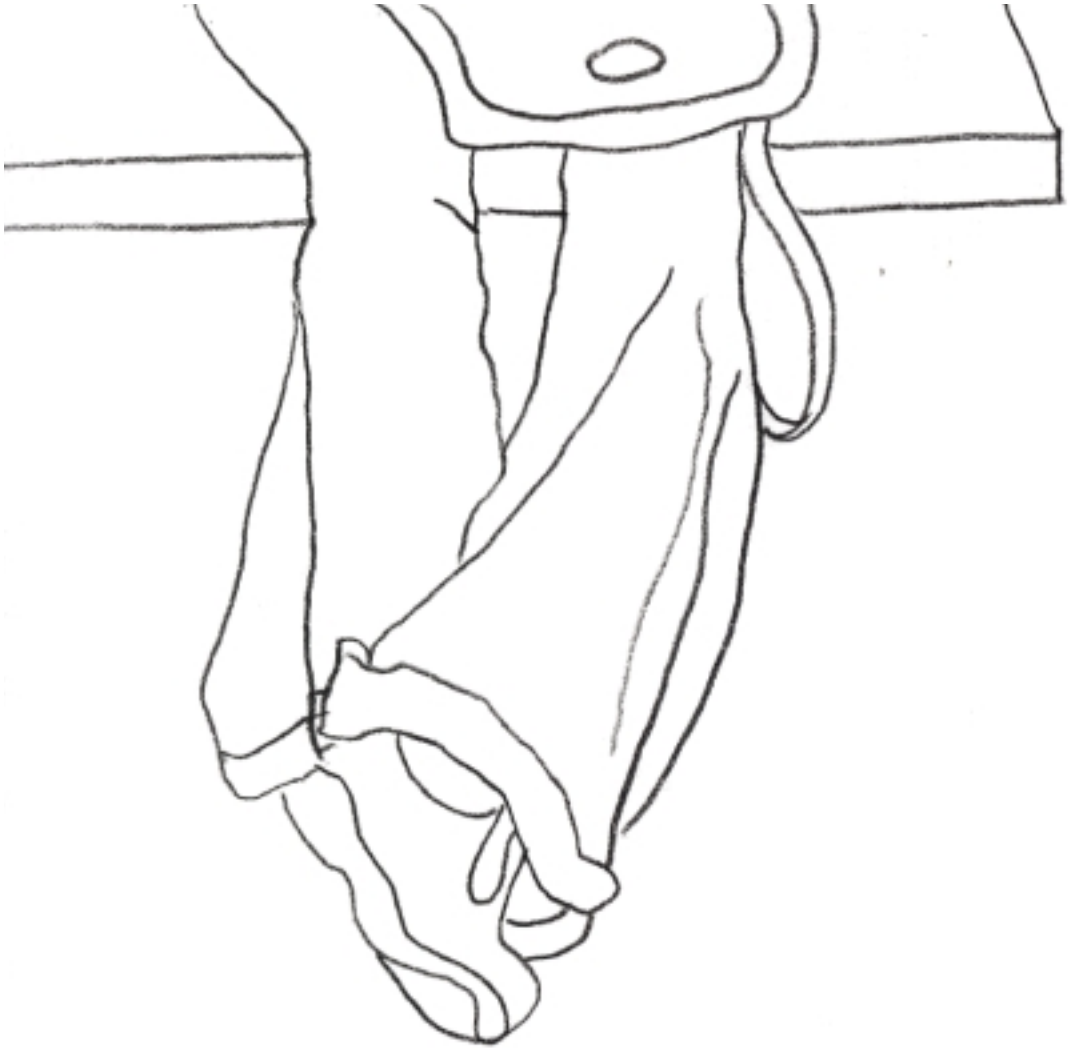
Mulheres divididas

Desenhos e depoimentos



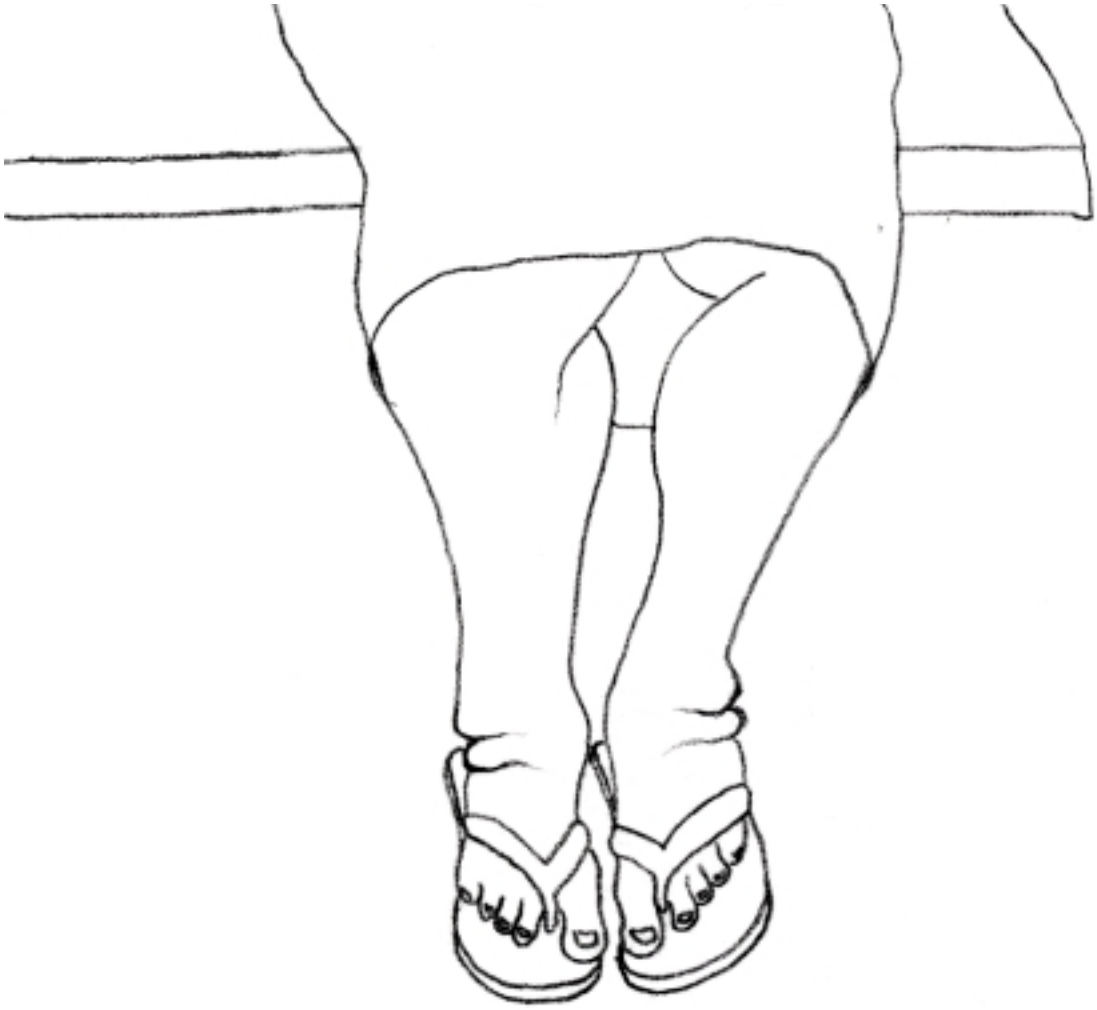
1) Maria Aparecida (44 anos)

Dezesseis anos de casada, tem dois filhos. Seu marido chega todos os dias de madrugada, bêbado. Maria costuma dormir com os filhos, mas nem assim o marido a respeita. Quando ele chega, a acorda com pancadas. –"Eu não agüento mais viver com ele, ele não quer sair de casa. Não consigo dormir e tenho que trabalhar no dia seguinte.". Maria reclama e me conta que é "crente" e agüenta tudo pelo amor do Senhor Deus, pois na Igreja que frequenta, dizem a ela que é preciso ter paciência. –"Ele me maltrata desde o primeiro ano de casada." Me mostrando a cicatriz no dedo, me disse –"graças a Deus já passou e nem dói mais". Mostrou uma outra cicatriz ainda mais recente, na orelha, onde levou várias pancadas. Disse que também já estava cicatrizando. Para ela o maior problema é vê-lo espancando os filhos. –"Isso corta meu coração". Emocionada, me diz: "Preciso de ajuda".



2) Vanessa (24 anos)

Chegou à delegacia com o pescoço enfaixado. –"Fui casada durante sete anos. Tenho quatro filhos. Vivemos em uma casa de um cômodo, no fundo da casa da minha mãe. Durante esses sete anos, sofri violência física e verbal constantemente e, há três meses, coloquei um basta nessa situação. Venho sofrendo constantes ameaças até que ontem, ele me deu uma pedrada no pescoço. Fiquei desacordada, e agora estou aqui, pedindo socorro, pois ele é alcoólatra e não sei como me livrar desse pesadelo."



3) Regina (52 anos)
Seu marido é muito agressivo, a ofende todos os dias. –"Tenho passado muitas dificuldades e escuto sempre a mesma coisa, que eu não sou ninguém, que não faço nada, não presto para nada, que ele não me agüenta mais. Não sei se ainda o amo, só sei que passei a acreditar em tudo o que ele diz. Tenho dois filhos e de duas semanas para cá, estou sendo ameaçada diariamente."

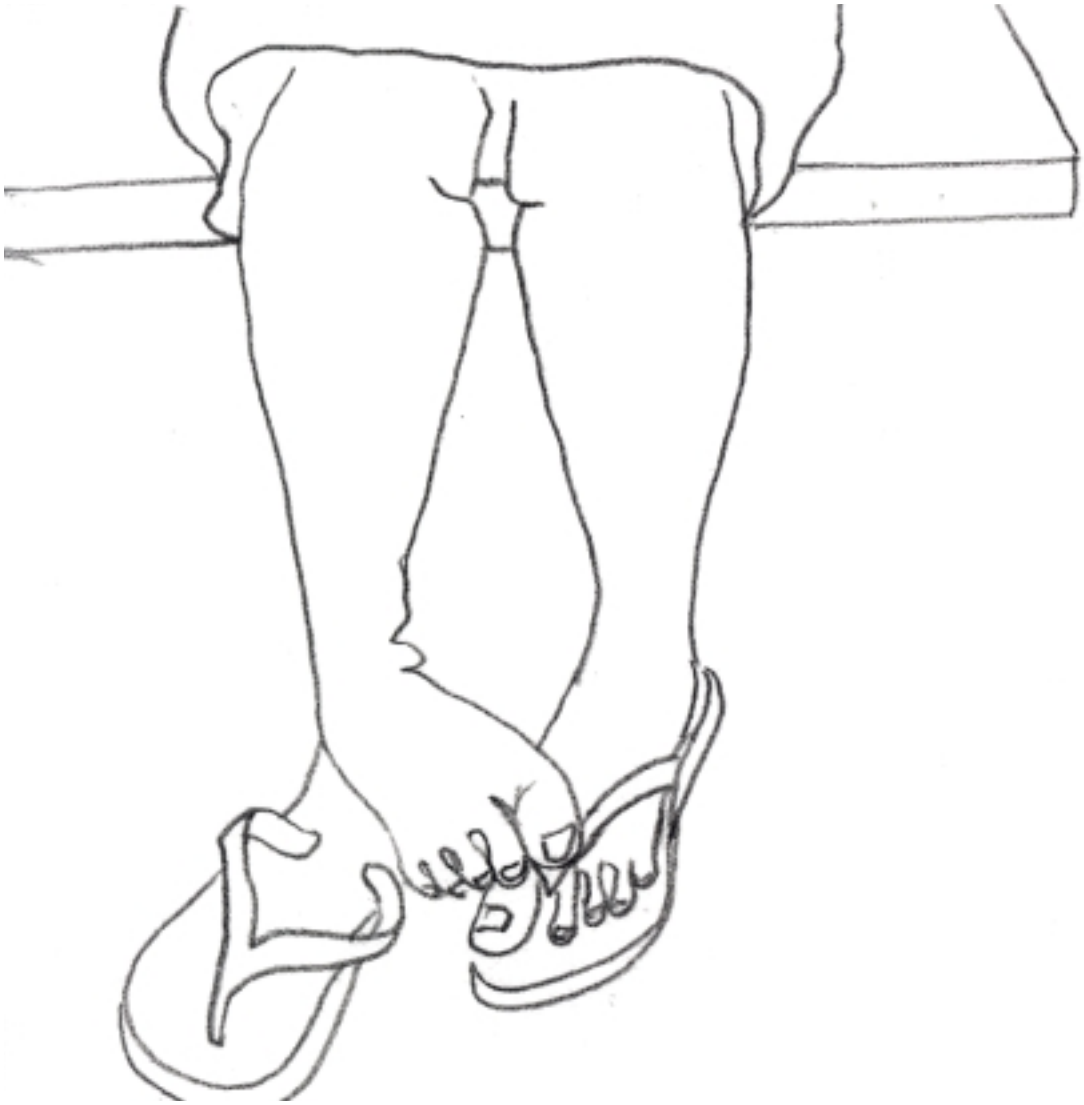
4) Ednéia (30 anos)

Chegou à delegacia com uma mala na mão. Há cinco anos é casada, tem dois filhos, de quatro e oito anos, e mora em uma casa de dois cômodos. –"Meu marido é soldado. Ele não bebe, mas me obriga a fazer sexo com ele, bate em mim e eu morro de medo dele. Não posso nem ir para casa da minha mãe pois lá todos morrem de medo dele também. Ele sabe que a polícia nunca vai por a mão nele. Ele também bate nas crianças. Acho que é louco, porque as atitudes dele não são de uma pessoa normal. É impossível que os vizinhos não escutem nada, ninguém denuncia, todos se calam."

Ednéia acredita que corre risco de vida e não tem para onde ir. A delegada providenciou um abrigo para que ficasse com os filhos, isolada do marido. Fiquei mais tranqüila, ainda bem que existem os abrigos.

5) Maysa (47 anos)
Chegou muito nervosa, contando o pesadelo que vivia há sete anos: seu marido desempregado bebia e batia nela todos os dias. Ela tem quatro filhos e mora em uma casa com três cômodos. Seu marido dorme ao seu lado com uma faca debaixo do travesseiro. –"Sou ameaçada o tempo todo, às vezes passo dias sem dormir, e tenho que estar disposta para trabalhar no dia seguinte, pois eu é que sustento a casa."
Quando os filhos tentam impedir que ela seja espancada, eles acabam apanhando. Ela quer se libertar disso tudo, porém sempre sentiu pena do marido, pois diz que ele é maravilhoso quando não está sob o efeito do álcool.

6) Carmélia (64 anos)
Esta senhora mora com a filha e apareceu na delegacia para denunciar o genro. Conta que esperou muito para fazer isso. –"Fui à Igreja, pedi vários conselhos, mas não agüento mais ver a minha única filha sofrer dessa maneira, tenho presenciado cenas horríveis em casa. Minha filha tem muito medo dele, mas eu não tenho, quero que ele saia de casa e nos deixe em paz. Para isso preciso da ajuda da delegada."

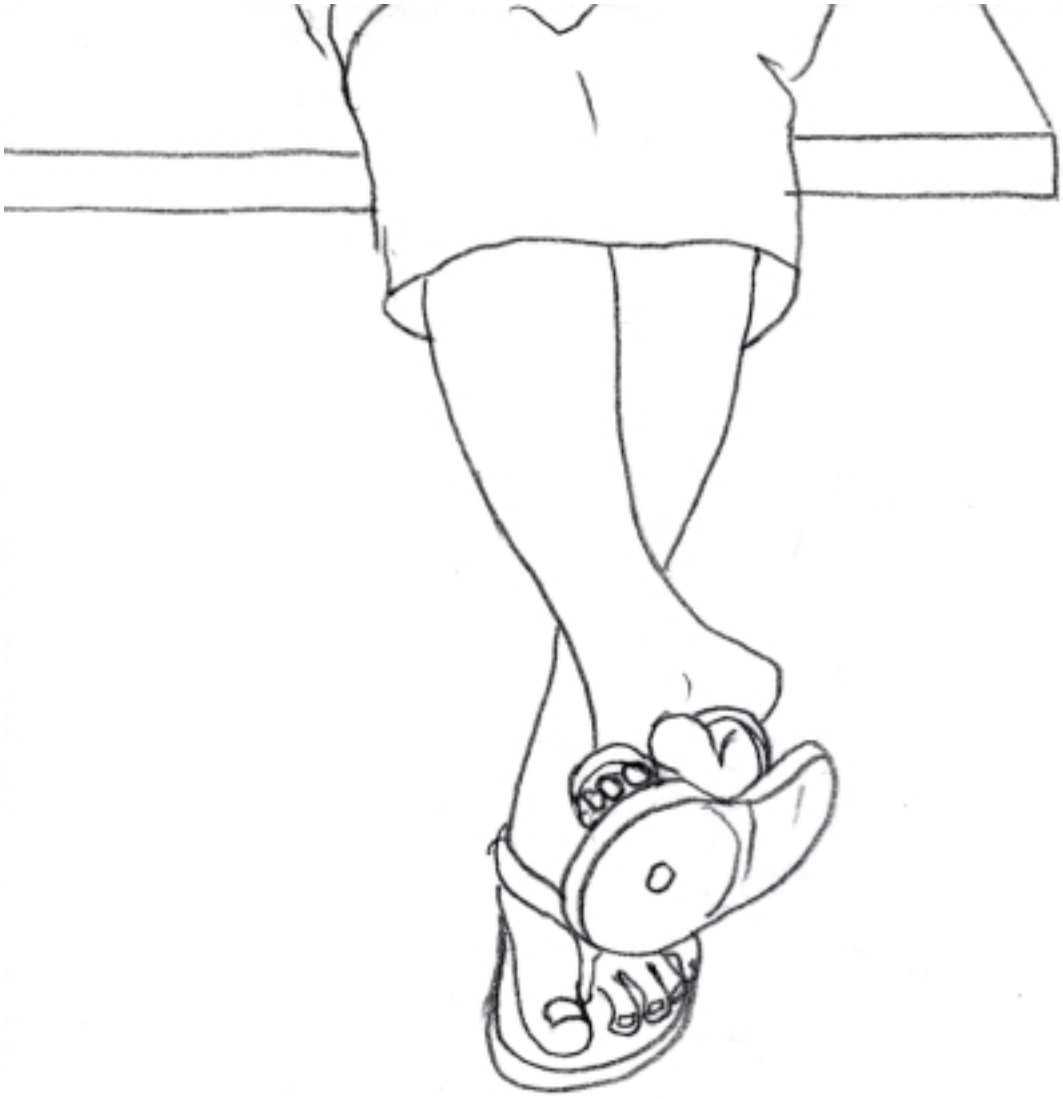


7) Maria da Guia (39 anos)

Esteve na delegacia para dar queixa do ex-marido que, depois de 11 anos de separação, voltou a agredi-la. Ela estava com as mãos enfaixadas e o rosto todo machucado. Contou que conheceu o marido quando tinha 14 anos. Teve duas filhas e descobriu, logo após o nascimento da segunda, que ele a traía com sua amiga. Ficou muito mal, para ela a vida tinha acabado. Não confiava mais nele. Então não quis ter mais nada com ele, foi quando ele começou a bater nela. Era espancada sempre e não tinha coragem de se libertar. Separou-se depois de 15 anos de casada e "casou-se com Deus". –"Nunca mais quero homem na minha vida, apanhei demais, sofri muito e tenho medo só de pensar em viver essa situação novamente. Mas quando eu imaginei estar livre dele, depois de 11 anos de separação, ele me procurou e me bateu novamente. Homem nunca mais!"

8) Rose (27 anos)
Casada há oito anos, tem três filhos e é dona-de-casa. Seu marido não lhe deixa faltar nada, porém o preço é alto. –"Ele é muito autoritário, quer que eu faça tudo como ele quer, até sexo. Caso eu esteja cansada ele não perdoa, me obriga. Estou farta dessa vida, falei que quero me separar e, por causa disso, ele vem me ameaçando de várias maneiras. Fala que sou dele e de mais ninguém. Tenho medo desse homem, por favor preciso de ajuda."

9) Maria Helena (41 anos)
Casada há doze anos, sofre perseguição do marido que a ameaça e a xinga constantemente na frente dos dois filhos. – "Ele é extremamente ciumento e não me deixa em paz. Quero uma ajuda de vocês, não sei o que fazer."



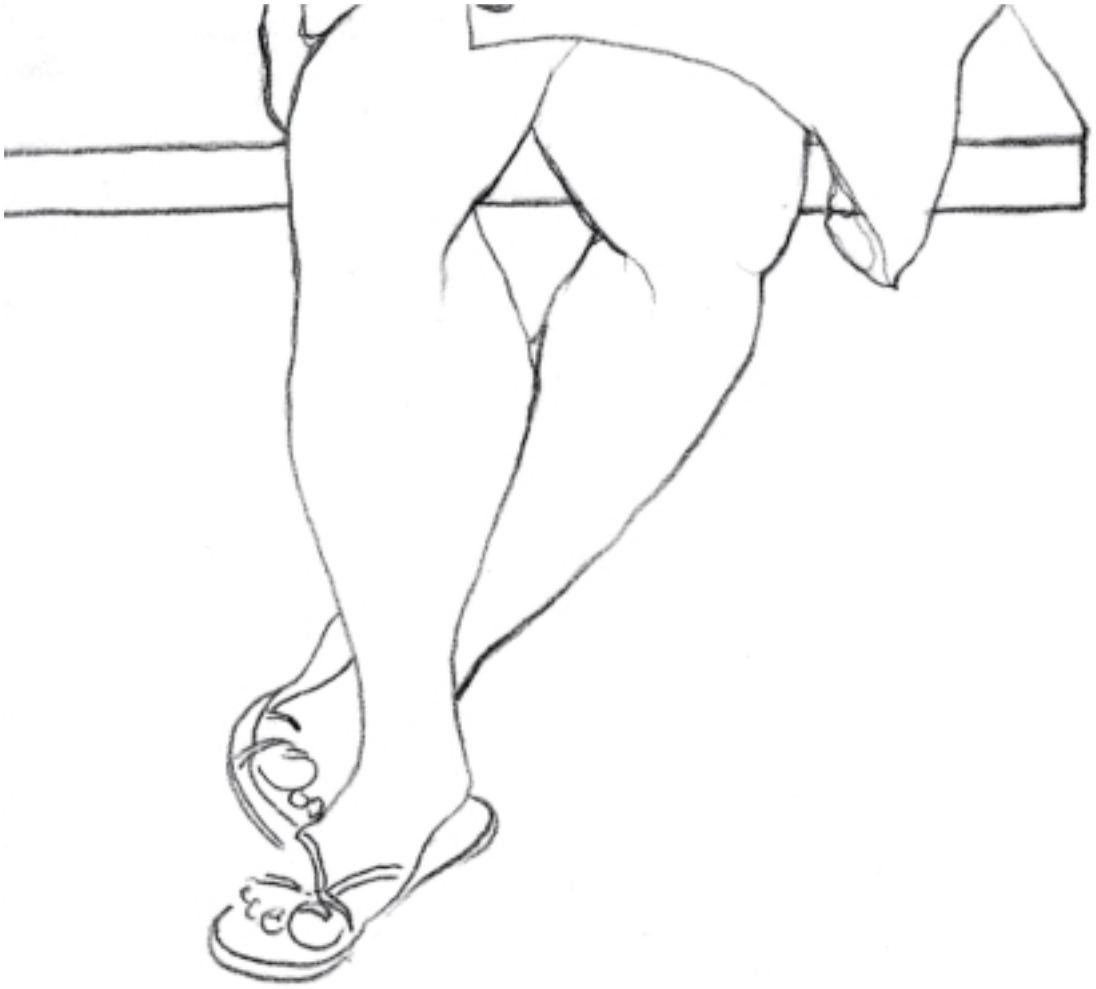
10) Elisa (32 anos)
É empregada doméstica, casada há cinco anos, com dois filhos. Seu companheiro está desempregado, ela conta que ele sempre foi um homem bom. –"Quando ele perdeu o emprego passou a beber diariamente e a chegar tarde em casa. Quando chega, me acorda aos gritos e me agride de todas as maneiras; mas só durante a noite, pois de dia ele volta a ser bom." Conta que na Igreja onde frequenta, pedem para ela orar e ter muita paciência. –"Sou Evangélica e amo o meu Senhor. Mas moça, não quero mais essa vida para mim, tô cansada de não dormir e ter que trabalhar no dia seguinte para sustentar os meus filhos."

11) Rosimira (28 anos)
As agressões que sofre são diárias. –"Ele me ameaça com um punhal, enche a cara, e inferniza a minha vida. Não sei como me livrar dele. Ele me disse que, para onde eu for, ele me acha. Que se eu não ficar com ele, não fico com mais ninguém."

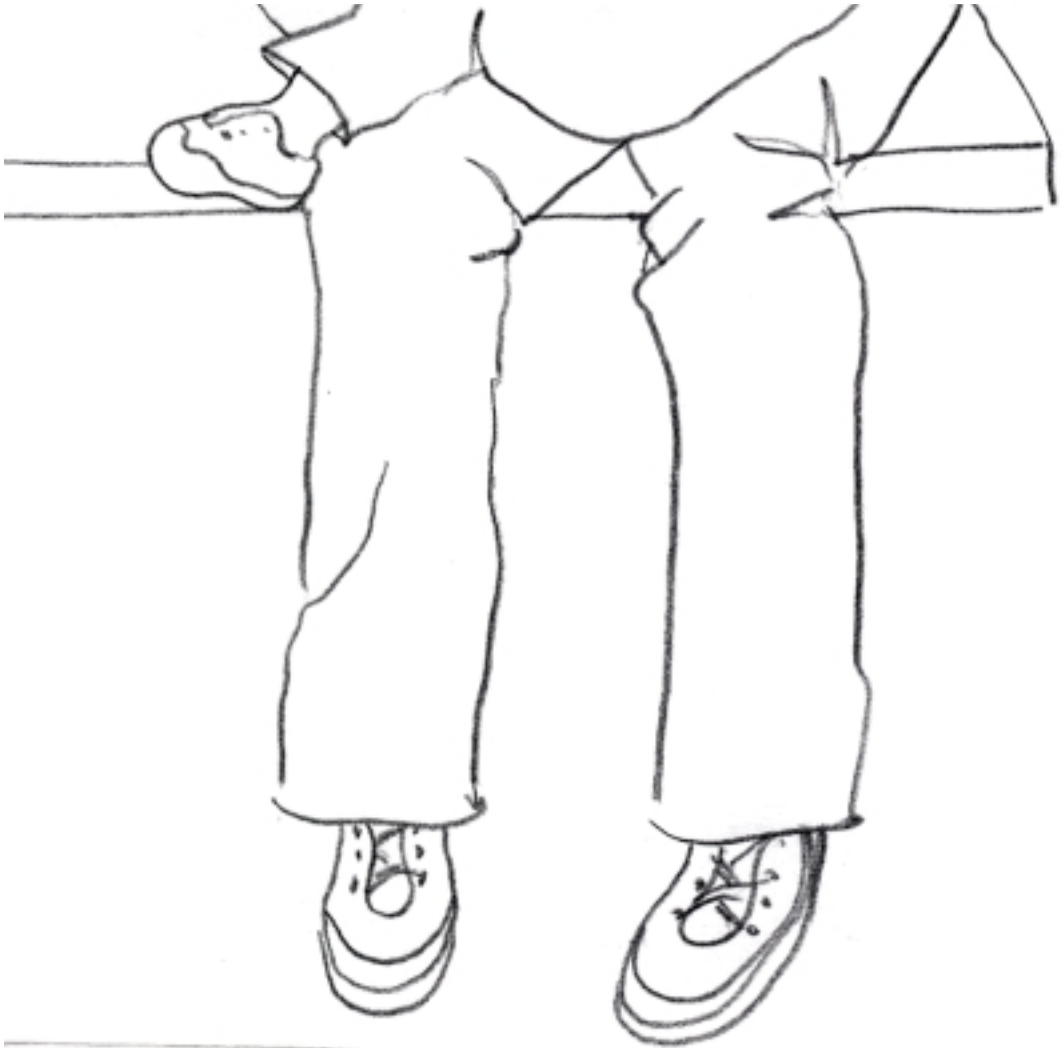
12) Sandra Regina (38 anos)
Casada há doze anos, tem dois filhos. Chegou à delegacia bem angustiada. –"Tenho sofrido muito com o temperamento agressivo do meu marido, ele me espanca sempre e meus filhos assistem tudo, eles choram e pedem para ele parar, mas ele acaba batendo neles. Preciso sair de casa, ir para um lugar que ele não me encontre nunca mais."

13) Iranilde (34 anos)
Chegou à delegacia dopada por calmantes, acompanhada da irmã que também estava muito nervosa. É casada há quinze anos, tem dois filhos. O marido, além de ter amante, a ameaça todos os dias com agressões físicas e morais, na frente dos filhos. – "Eu tenho que estar sempre alerta, escondendo as facas e tudo que possa nos ferir." Chorando, ela disse não agüentar mais.

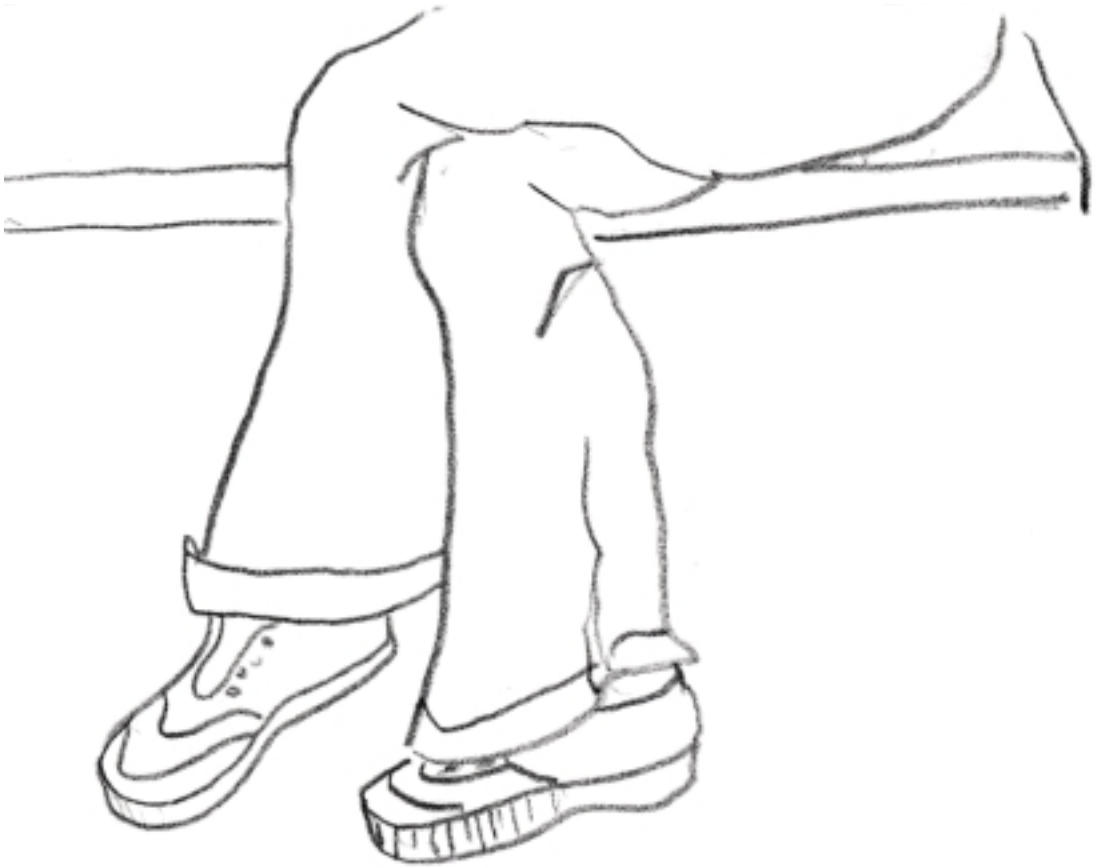
14) Maria Bernardo (71 anos)
É uma senhora quase sem condições de se comunicar, pois teve um derrame e não recuperou a voz direito. Muito nervosa, tentou me falar a respeito do genro, que passou a ser sua aflição diária. Sozinha, resolveu por um basta no sofrimento da filha, que apanha com freqüência do marido. –"Meu genro está desempregado e gasta todo o dinheiro que a minha filha recebe comprando bebidas alcoólicas. Ele a ameaça todos os dias dizendo que se a gente denunciar ele, ele mata."



15) Maria de Fátima (36 anos)
É casada há dez anos e tem três filhos desse relacionamento. Contou que a relação nunca foi muito harmônica, pois seu marido nunca a respeitou, sempre teve relações extraconjugais. –"Ele sempre foi muito autoritário, mas de um tempo para cá as coisas pioraram. Há alguns dias chegou em casa e o jantar ainda não estava pronto. Olhou para a pilha de roupa que ainda faltava passar e começou a gritar. Pegou o facão que uso para cortar carne e disse que estava indo para o banho, e que assim que saísse queria a comida e a roupa dele passada. Caso contrário ele me mataria." Nervosa e morrendo de medo, Maria pegou as crianças e fugiu para a casa dos seus pais. Depois disso, tem recebido diariamente ameaças. Ela não sabe o que fazer, ficou sem casa e correndo risco de vida.



16) Julia (22 anos)
Casada há três anos, tem uma filha de nove meses e está grávida de três meses. Seu marido bebe diariamente e bate nela. Ela não agüenta mais essa situação. –"Resolvi dar um basta e denunciá-lo aqui na delegacia. Saí de casa para morar com a minha mãe."



17) Cássia (23 anos)
Vive há seis meses com o marido, mas ele a persegue com crises de ciúmes. Ela tem que dar satisfação de tudo o que faz o dia todo, quando sai do trabalho e tem que ir ao médico. –"Quando chego em casa ele me espanca e fala sempre que eu estou mentindo. Amo muito esse homem e não sei o que fazer para mudar essa situação."

18) Maria da Silva (36 anos)
Casada há doze anos, tem quatro filhos. –"Meu marido é doente, atormenta a minha vida e a vida dos meus filhos com ameaças, não me dá valor, fala que eu não sou nada e que não sabe porque não me mato, pois seria um favor." Ela me contou que ele está tentando induzi-la ao suicídio, pois não quer dividir a casa, que é o único bem que os dois têm.

19) Raquel (25 anos)
Com quatro filhos, ela foi acompanhada por uma vizinha, denunciar o marido que a espanca diariamente. Dopada por remédios fortes, ela e a vizinha estavam muito nervosas, pois ele não queria sair de casa e ameaçava matá-la caso o deixasse. Ele diz que a encontrará em qualquer lugar que se esconda. Ela está muito doente e esteve internada recentemente em hospital psiquiátrico, porque não agüenta mais viver nessas condições.

20) Elisângela (18 anos) e Juliana (15 anos)

As duas irmãs apareceram na delegacia para retirar a queixa feita contra o pai. Conversei com elas e me contaram que vão dar mais uma chance a ele. Com um pouco mais de conversa, descobri que as agressões eram regulares. Há mais de vinte anos a mãe vivencia esses maus tratos. Elas me disseram que são em quatro irmãos e que todos são completamente traumatizados, não suportam o pai. Quando está bêbado, xinga e bate. Quando está são, não fala com ninguém e não admite nada em casa, amigos, música, etc. Chorando, Elisângela disse não agüentar mais. Tem muito medo do pai, pois ele bebe e bate na mulher e nos filhos que se envolverem na briga. A esposa não trabalha e depende totalmente do marido. Ele é o provedor, por isso manda e desmanda. Elas falam bem claro que o pai não deixa faltar nada financeiramente na casa, percebi que isso era muito valorizado. A mãe tem medo de se separar e não conseguir criar os filhos. Ela engordou, sofre de depressão, pressão-alta e tem baixa auto-estima. As filhas choravam e repetiam "não quero ver a minha mãe morta". Eu confesso que fiquei muito tocada com esse caso. O argumento delas é sempre o mesmo: Deus vai nos ajudar, vamos ser protegidos e tudo vai acabar um dia. E eu pergunto: de que maneira?

Capítulo 2

Reflexão sobre meu trabalho

Maria
Vestido de noiva esticado no chassis e véu de noiva
43,5 x 110 cm
1995

1. Um novo olhar

"Não acreditamos que a verdade continue sendo verdade quando lhe retiram o véu."
Nietzsche

Para iniciar a reflexão sobre meu trabalho artístico, achei importante relatar um fato que ocorreu em minha vida, mudando o rumo da minha obra. Em janeiro de 1994, quando acordei pela manhã, senti que alguma coisa estava diferente. Quando me olhei no espelho, já não conseguia mais me identificar. Meu contorno sumiu. A imagem que diariamente se refletia naquele espelho havia desaparecido. Minha pálpebra cerrou involuntariamente, velando meu contato com o mundo e principalmente com as artes.

Na verdade, eu não enxergava mais. Todo colorido que a vida havia me proporcionado passou a fazer parte do meu mundo imaginário. A dor que senti na falta desse olhar fez com que eu mergulhasse para dentro do meu ser, aprimorando meus outros sentidos, resgatando meu olhar interno e o que havia de mais verdadeiro em minha alma.

Permaneci com os olhos fechados por seis meses. Quando abertos, já não enxergava a vida da mesma maneira, pois tudo está em constante movimento e neste período de isolamento recolhi imagens que se formaram através das sensações e percepções do mundo de fora, agregando a imagens que já estavam arquivadas na minha alma.

Renovei registros antigos que já não me serviam mais, abrindo uma nova janela, um novo olhar, esvaziando um espaço para que ele estivesse pronto para receber novas idéias, e elas começaram a surgir. Ainda que prematuras, comecei a costurar a experiência interna com a externa, o universo de dentro com o universo de fora.

Para isso, recorri ao meu antigo vestido de noiva. Depois de tantos anos guardado dentro de uma caixa de papelão, ele ainda cheirava a felicidade, sentimento capturado no dia do casamento, que se impregnou no traje. O encontro do tempo retido com o tempo vivido fez com que eu passasse a refletir sobre as multiplicidades dos sentimentos, entre o real e imaginário, encantamento e desilusão, poder e fragilidade, afeto e violência.

Passei muito tempo coletando vestidos de noiva, pedindo às amigas, ouvindo suas histórias. Esses trajes, amarelados, roídos pelas traças, foram retirados do fundo de armários,

Rosangela, Eugenia, Izabel
Vestido de noiva esticado no chassis
165 x 125 cm
1995

de dentro de caixas, na tentativa de resgatar um sentimento que ficara adormecido no passado.

Confrontar esse sentimento com o agora, com as dificuldades que o dia-a-dia nos revela, potencializa o real e também amplia nossa capacidade de compartilhar com as ilusões do real.

Essa fantasia aparentemente intocável, que todas as mulheres depois de vesti-las guardam como algo precioso, é desconstruída. Viro o vestido do avesso, entro em seu ambiente privado, vasculho a intimidade de cada mulher.

Começo essa manipulação fragmentando o traje, corto as mangas, tiro as pérolas, aproveito o plissado. Desmistifico o sonho.

Em um primeiro momento, o trabalho trata o corpo individualmente, cada obra é uma mulher. Reconstruo um novo corpo, um corpo aberto ao público. É como se eu fosse construindo um diário, cada dia é um vestido, uma vida, um desejo, uma obra com o nome de quem pertenceu o traje, Maria, Rosângela, Luísa, Eugênia (fotos série 1).

Nas obras seguintes, experimentei trabalhar em uma outra escala, em que eu não tivesse tanto controle. O risco era maior e o desafio começou a fazer parte da obra.

Forro de sonhos pálidos

O trabalho "Forro de sonhos pálidos" foi construído no período de seis meses, dentro do meu ateliê de nove metros quadrados. Surgiu com a necessidade de unir esses corpos que até então tinham sido construídos individualmente, de ver todos esses vestidos juntos, amarrados, costurados, presos, como se todos almejassem a mesma coisa. Eram 25 vestidos de noiva em tons que variavam do branco aos beges, com manchas de ferrugem e cheiro de naftalina, costurados um a um, formando uma grande tapeçaria.

Colocados no teto da Capela do Morumbi, esses corpos unidos estavam longe do nosso alcance. Inflados, pareciam nuvens, tinham brilho, cheiravam sonhos distantes. A obra criou um distanciamento com o público, deslocando o seu olhar para o alto, para o céu, para uma outra dimensão. Nas alturas, o trabalho não remetia mais a uma história em particular, mas, sim, a um coletivo feminino, eram muitas mulheres, muitos desejos, muitas

Forro de sonhos pálidos
30 vestidos de noiva forrando o teto da capela do morumbi
250 x 50 cm
1996

fantasias. Juntas, com o mesmo ideal, elas clamavam por um sentimento que fazia parte do passado.

As constantes pesquisas sobre o tema da violência doméstica nas quais venho me aprofundando têm me aproximado muito de mulheres que vivenciam esse tipo de problema. A realidade dessas mulheres tornou-se muito presente em minha vida e em minha obra. As injustiças que sinto e observo desde minha infância fizeram com que eu criasse um vínculo ainda maior com essa causa. Uma necessidade de reformular antigos valores, de vincular-se a uma arte comprometida com a sociedade. Cada vez mais me aproximei dessas questões.

Luta

Nessa obra, apropriei-me de uma luva de boxe oficial na cor vermelha, usada para a disputa entre dois oponentes. A vitória é sempre do mais forte. Nesse esporte, o objetivo é mostrar quem tem mais força física, poder, confiança, preparo para derrotar o outro por meio de uma luta de braço.

A luva de boxe é utilizada para uma briga que acontece em um espaço público. Há uma platéia presenciando, torcendo, vibrando. Quando retiro esse objeto de seu contexto original e trago para o ambiente doméstico, não existe platéia, é uma luta que aparentemente não envolve a sociedade, pois acontece no ambiente privado.

A sociedade não dá importância para a violência que acontece entre os casais. É assim que a nossa cultura se formou. Tem um ditado popular que diz: "em briga de marido e mulher ninguém mete a colher".

Muitos dos problemas de violência urbana que vivenciamos diariamente têm uma história que começou dentro de casa. A violência doméstica não fica restrita ao âmbito familiar. Como as pessoas que convivem com ela também não. Ela sai às ruas, se contamina, prejudicando a nossa vida em sociedade.

Para refletir a respeito dessa disputa que acontece entre quatro paredes, uma luta de casais, de companheiros, tento transformar a luva tradicional em uma outra realidade. Como se eu desejasse consertar as relações humanas, as brigas, as agressões, os maus-

Luta
Luva de Boxe forrada de pedaços de vestido de noiva
45 x 45 x 30 cm
1998

tratos, as dificuldades que vão desgastando a afetividade existente entre o casal. Para isso corto pedaço por pedaço do vestido de noiva e costuro, aplico, um a um, tentando velar a carga grosseira que a luva contém. É um trabalho de reparação em que o masculino e o feminino estão juntos.

Embora a luva ainda mantenha seu aspecto rude, quando mascarada por esse brilho do bordado, das pérolas, do vidrilho, fica mais delicada, despotencializa o jogo de forças.

Enquanto finalizava o bordado, lembrei de uma frase de Louise Bourgeois (2000:222): "Todas as mulheres utilizam agulhas. As agulhas servem para reparar os estragos".

Quantos danos eu poderia restaurar nessa costura? Aos poucos, aquela força física necessária para a vitória no ringue foi se dissolvendo. A luta era de igual para igual. Potencializa-se o encontro, o conter e estar contido, o afetar e ser afetado.

Sobre pérolas

Depois de dois anos que eu havia forrado o teto da Capela do Morumbi com vários vestidos de noiva, dando segmento à minha pesquisa, resolvi fazer uma nova instalação na Galeria Thomas Cohn.

Os mesmos vestidos que cobriram o teto da capela metaforicamente começaram a ceder. Eles não resistiram à ação do tempo, vieram ao chão. Aqueles corpos vazios desabaram. Vieram de encontro a realidade.

Os vestidos que no alto remetiam à beleza, ao sonho, ao desejo, no chão assumem um novo foco. Desfalecidos, murchos, sem brilho, os sentidos mudaram. Eram diferentes de quando estavam presos no céu da capela. Agora era possível tocar, experimentar, vivenciar aquele momento, caminhar sobre esses trajes, sobre os babados, as pérolas, os vidrilhos e também sentir um certo constrangimento, pois não foi assim que nos habituamos a nos relacionar com o vestido de noiva. Quando tateados por nossos pés, esses corpos ausentes nos possibilitam entender a realidade dessas mulheres.

Sobre pérolas
30 vestidos de noiva forrando o chão 100 x 80 cm
1998
Galeria Thomas Cohn

Noivas no Carandiru

Envolvida e sensibilizada com o papel da mulher em vários âmbitos da nossa sociedade, fui convidada a presenciar um casamento coletivo realizado na Casa de Detenção Professor Flamínio Fávero do Complexo Penitenciário do Carandiru, o maior presídio da América Latina e do Brasil.

Mulheres livres casam-se com prisioneiros por opção. "Cadeia é lugar povoado de maldade", diz Dráuzio Varella (1999: 13), que também não entende os mistérios da alma feminina, pois são muitos os presos que arranjam namorada enquanto cumprem pena.

Ele conta em seu livro "Estação Carandiru" que "uma vez, um juiz corregedor de tanto analisar pedidos envolvendo detentos e suas mulheres queixou-se ao diretor-geral: – Doutor o que o preso tem que nós não temos?" (Varella, 1999: 62).

Fiquei também instigada a saber o que poderia seduzir essas mulheres a casar-se com a violência, unindo-se a um detento discriminado pela sociedade, sem a menor perspectiva de uma vida familiar. A fantasia que elas reservaram para o dia era ainda mais subversiva, pois desejavam casar-se de noiva, dentro de um presídio.

Compareci ao presídio quatro horas antes do início da cerimônia. Levei meus vestidos e minha câmara fotográfica. Enquanto as ajudava a se vestir, aos poucos fazia com que essas mulheres contassem suas histórias, seus desejos, suas expectativas. Prontas, eu registrava aquele momento único. Mulheres marcadas pela dor e pelo tempo em busca de suas realizações.

A preparação para o ato da cerimônia era igual à de noivos comuns, porém a expectativa não poderia ser a mesma. Logo após os atos civil e religioso, os casais se despediram do "conto de fadas". As noivas se despiram da fantasia e voltaram à cruel realidade de suas vidas.

Vivemos em uma sociedade patriarcal. Embora muitas feministas tenham lutado contra esses valores, o homem continua usando seu poder de macho para obter os resultados que deseja. Quando esse macho é retirado da sociedade em que está acostumado a viver e é jogado numa cela, isolado do mundo, com todos os seus desejos limitados, sente-se impotente perante a vida.

Fotos da série Noivas no Carandiru
70 x 40 cm
2000

Essa impotência faz com que ele fique mais vulnerável, desenvolvendo outros tipos de sentimentos, que só quando o poder é amputado permite-se revelar. Fragilidade, medo, sensibilidade, generosidade... Esses sentimentos, quando compartilhados com outros homens nas mesmas condições que a dele, potencializam-se, pois o macho aprendeu a não se ver dessa maneira, a ocultar seus fracassos.

De acordo com os relatos dessas mulheres, passam a criar vínculos de afeto por esses detentos, pois são tocadas por esta atitude masculina atípica. Elas possuem uma trajetória histórica diferente, na qual o sujeito sempre foi o homem. Acostumadas com o papel que lhe atribuíram, de sexo frágil, são seduzidas por essa inversão de valores.

Embora essas mulheres que descrevo agora estejam muito longe de ser frágeis, são pobres, trabalhadoras, que lutam diariamente pelo sustento da família. De acordo com a história, foram as operárias que sempre lutaram reivindicando mudanças. Elas nunca tiveram a situação de submissão das burguesas, pois tinham que contribuir com o sustento da casa (Muraro, 1993).

Mesmo com uma consciência aguçada da vida, são mulheres. Trazem em suas almas o carimbo da sensibilidade, do romantismo, do sonho de ser feliz. Elas estão sempre presentes ao encontro semanal com os seus maridos no presídio. Eles as aguardam ansiosos e perfumados. Fazem com que elas se sintam um pouco cinderelas, amadas e desejadas de forma única e incondicional.

Rainha
Rainha 163 x 62 cm
Tabuleiro 400 x 400 cm
2001

A Rainha

Ao eleger o jogo de xadrez como metáfora para discutir as relações afetivas entre o homem e a mulher, altero regras, inverto papéis, crio um novo jogo. Retorno ao pecado original, a fim de repensar a mulher sedutora, que, segundo o Gênesis, tinha a sexualidade diabolizada. E nós, mulheres, como reféns desse relato culpabilizador.

Nessa instalação, a madeira foi a matéria-prima da qual me apropriei para construí-la. Esculpindo essa tora, pouco a pouco, ela tomou forma de uma grande rainha do jogo de xadrez, com dimensão humana. Pesando 150 quilos, a rainha branca está sobre um tabuleiro igualmente branco.

A rainha branca carrega em seu ventre a forma oca do rei. Ele pode ter sido seduzido por ela, que o contém. Eles estão juntos em uma peça só. Ele é sua metade. Partilham essa nova regra, e é isso que os une. Essa pureza – na forma perfeita e no branco sobre branco que a rainha traz – é como se a obra almejasse um ideal de mundo, em que o risco do relacionamento não fosse tão ameaçador.

Pode-se também imaginar que ela tenha sido deflorada, ou que em um lance do jogo o rei tenha passado violentamente sobre o tabuleiro levando um pedaço da rainha, uma parte dela. Talvez um sonho, um desejo, um afeto, restando apenas uma grande marca. Aqui o rei só existe como memória. Memória que esta rainha compartilha com muitas mulheres na nossa sociedade patriarcal. Como também ela é uma nova versão à história, diferente dos relatos nos quais a mulher é criada a partir da costela do homem.

Nessa obra, o rei é extraído do ventre da rainha. Nesse caso, podem estar potencializadas todas as possibilidades de uma nova matriz, de um novo ser, com as regras de poder alteradas. Nasce uma nova ordem mais justa.

A rainha que tradicionalmente é leve e facilmente manipulada por seus jogadores, nesse jogo conquista autonomia, poder e força. Como diz Baudrillard (1991: 34) em seu livro "Da sedução": "Seduzir é fragilizar. Seduzir é desfalecer. É através da nossa fragilidade que seduzimos, jamais por poderes ou signos fortes. É essa fragilidade que pomos em jogo na sedução, e é isso que lhe confere seu poder. Seduzimos por nossa morte, por nossa vulnerabilidade, pelo vazio que nos persegue".

O vazio que o rei ocupa no corpo da rainha faz dele a sua metade. O rei, que sempre marcou a história pelo seu poder, assume nessa obra sua fragilidade, sua sensibilidade, destruindo regras antigas, criando regras próprias, transgredindo assim a nossa história.

2. Performances

"É diante da dor sem remédio que surge a obra de arte como uma solução para os problemas sem solução"
Ferreira Gullar

Refletindo sobre o conceito da performance, resolvi buscar onde ela poderia estar inserida no meu trabalho plástico. Como estou sempre preocupada com a condição da mulher na sociedade e sobretudo no casamento, resolvi me envolver com esta manifestação que além de plástica é também social.

No ano de 2000, as performances começaram a fazer parte da minha trajetória artística, pois até então meus trabalhos eram estáticos. Precisava de algo real, verdadeiro, que tivesse vida, pulsasse, em que o público pudesse fazer parte da ação.

As performances acontecem em espaços públicos, pouco usuais para a representação artística e com um grande volume de pessoas. São obras coletivas.

Para Cohen (1989: 38), "…a performance está ontologicamente ligada a um movimento maior, a uma maneira de se encarar a arte, a live art. A live art é a arte ao vivo e também a arte viva".

A live art é uma forma de se ver arte em que se procura uma aproximação direta com a vida. O espontâneo, o natural, é estimulado em detrimento do elaborado, do ensaiado. É uma arte extraída da existência cotidiana. É um movimento de ruptura para dessacralizar a arte, afastá-la de sua função meramente estética. A idéia é resgatar a característica ritual da arte, tirá-la de "espaços mortos", como museus, galerias, teatros, e colocá-la em uma posição "viva", "modificadora" (Cohen, 1989).

As ações que realizo têm o propósito de potencializar arte e vida com liberdade, ao intervir plástica e conceitualmente no espaço público da cidade. De afetar e serem afetadas pelos transeuntes.

Memória do afeto – São Paulo
150 mulheres
Avenida Paulista
2000

Embora meu trabalho estivesse sempre relacionado com a vida, nas performances sua dimensão é ainda maior, pois são muitas mulheres que participam, e elas estão diretamente vinculadas ao problema da violência, foco principal do meu inconformismo como ser humano e artista.

Quando faço uma fusão entre arte e vida, é porque não consigo separar-me de meu trabalho. A minha arte é a minha vida. Penso na necessidade de o artista sobreviver por meio de sua criação, transformando as suas angústias, sua realidade e estabelecendo novas maneiras de conviver com o injusto, perverso, desigual, que ainda fazem parte da nossa sociedade. A violência doméstica é um problema social gravíssimo. A sociedade brasileira não a enxerga e, portanto, ainda não se conscientizou disso.

Motivadas por toda essa problemática e conscientes da importância de transformar toda essa situação, essas mulheres abraçam a idéia de se vestirem de noiva para participar das performances. Nesse momento, o público vira obra.

Ofereço a possibilidade de mulheres participarem da ação e ter um contato direto com a arte. Elas contribuem com o meu trabalho e a arte contribui com a vida delas.

Memória do Afeto – São Paulo

A partir da instalação "Sobre pérolas", realizada em 1998, os corpos que forravam o chão da galeria Thomas Cohn, até então caídos, criam vida, fortalecem-se, e são preenchidos por mulheres reais. Juntas no dia 25 de novembro de 2000, "Dia Internacional da Não-Violência Contra as Mulheres", saem às ruas, caminhando, em busca de uma transformação na qualidade do afeto.

Essa performance foi criada em função do meu envolvimento com organizações que lutam contra a desigualdade e os maus-tratos à mulher. Pelo Conselho da Condição Feminina, soube que o dia 25 de novembro tinha sido escolhido como o "Dia Internacional da Não-Violência Contra as Mulheres" [1] em memória das irmãs Minerva, Maria Tereza e Pátria

[1] dia declarado no I Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe, Bogotá, Colômbia, 1981

Memória do afeto – São Paulo
150 mulheres
Avenida Paulista
2000

Mirabal, assassinadas pela ditadura de Trujillo, na República Dominicana, em 25 de novembro de 1960.

Em 1990, as Organizações das Nações Unidas (ONU) reconheceram a violência contra a mulher como um tema legítimo dos direitos humanos. E em março de 1999 esse dia foi nomeado como o "Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra a Mulher".

Desejava que as pessoas que fossem participar tivessem realmente um vínculo com a violência. Passei muito tempo coletando vestidos de noiva. Estes foram doados por algumas amigas, conhecidas, mas a grande maioria foram lojas que comercializam esses trajes. Sensibilizados com o tema, todos acabavam cooperando. Aos poucos, obtive os 150 vestidos, as 3,6 mil rosas, as pás, a autorização da Prefeitura para cavar o canteiro, entre outros, pois muitos ajudaram.

O dia 8 de março de 1908, Dia Internacional da Mulher, foi instituído em homenagem a 150 mulheres queimadas vivas, trancadas por seus patrões dentro de uma fábrica em Nova York por reivindicarem melhores salários e uma jornada de trabalho menor. A performance "Memória do Afeto", realizada no "Dia Internacional da Não-Violência Contra a Mulher", contou com 150 mulheres em memória a essas vítimas da história.

Memória do afeto – São Paulo
150 mulheres
Avenida Paulista
2000

Para conseguir esse grupo, tive que entrar em contato com várias organizações de mulheres, bem como delegacias, associações etc. O problema sociocultural brasileiro refletiu na participação das organizações à performance, pois somente duas delas aderiram ao trabalho: Fala Preta (Organização das Mulheres Negras) e Organização das Mulheres Independentes do Jardim São Francisco. As feministas não entenderam o uso do vestido de noiva na minha obra ao comentarem: "Não participaremos, pois demoramos muito tempo para destruir esse mito de pureza que está embutido no vestido".

Queria ter uma ação direta com o público. Gostaria de atingir a todos. Para isso, faria um bom uso da mídia pela arte, com o objetivo de conscientizar as pessoas da necessidade de uma reforma na condição feminina.

Eram 150 mulheres vestidas de noiva, de todas as idades e raças, caminhando pela avenida Paulista, onde há a maior concentração financeira do país, para manifestar a afetividade, esse sentimento que o poder consome e destrói com o tempo.

Silenciosamente, elas caminharam despetalando as rosas. Deixaram um rastro de pétalas brancas pelo chão da avenida, para que outras mulheres pudessem segui-las. Ao final do percurso, na Praça Oswaldo Cruz, todas elas se dispuseram em forma de um círculo, ao redor de um buraco previamente aberto na terra e com uma pá na mão, enterraram o que sobrou do buquê, os espinhos, em uma tentativa de apagar um passado doloroso.

Esse encontro com a arte, a oportunidade que essas mulheres tiveram de unir seus sentimentos revendo suas dificuldades através de uma ação coletiva fez com que descobrissem sua própria força e resgatassem a auto-estima.

Depois de um mês de ocorrida a performance "Memória do Afeto", soube que uma das integrantes da ação, que há muito tempo vinha sofrendo com o companheiro e sem conseguir se libertar da relação, enterrou os seus espinhos na praça Oswaldo Cruz, voltou para casa, criou força, arrumou suas malas e partiu para uma vida melhor.

Mosaico Branco por 60 Mulheres

Nessa performance-instalação, 60 mulheres vestidas de noiva caminharam como formigas brancas abraçadas a uma pedra de mármore de Carrara. Percorreram as ruas do

Mosaico Branco por 60 mulheres
60 mulheres participantes
Mosteiro de São Bento, São Paulo
2001

centro antigo da cidade, varrendo com suas caudas brancas todas as nódoas que a multidão deposita no seu dia-a-dia.

Cada pedra tinha um formato semelhante a um dente do fecho ecler, retirado simbolicamente da vestimenta da noiva. É como se cada mulher depositasse nesse mármore branco uma parte de suas esperanças, desejos e fantasias.

Essas 60 peças foram se encaixando como em um jogo de quebra-cabeças e formando um grande fecho ecler que se encontra nele mesmo, potencializando a necessidade de uma ação coletiva na transformação da humanidade.

Deixaram um centro de amor dentro de um centro de violências.

Cravaram uma grande mandala no solo da cidade, em frente ao Mosteiro de São Bento, para que todas as pessoas que transitem sobre ela possam absorver esse sentimento. Marcaram para sempre o chão de São Paulo.

Memória do afeto – Madri
200 mulheres participantes
Paseo do Prado/ Fonte de Cibeles a Neptuno
2002

Memória do Afeto – Madri

Após o convite de um curador espanhol para realizar essa performance em Madri, o dia 25 de junho de 2002 foi escolhido por dois motivos. Para aliá-lo ao Dia Internacional da Não-Violência Contra a Mulher e porque todos os dias 25 do ano, mensalmente, são lembrados por organizações de mulheres espanholas que na praça Puerta del Sol, se reúnem em um manifesto contra a violência.

Sendo a Espanha um país muito católico, o vestido de noiva tem uma importância ainda maior nessa cultura.

O que me motivou a realizar esse trabalho nessa capital foi o conhecimento do alto índice de violência contra a mulher existente no país.

Pesquisando junto a organizações de mulheres espanholas, consultando livros, jornais e revistas, pude ter acesso a depoimentos que me deixaram ainda mais indignada.

No continente europeu, a Espanha é o lugar onde mais se maltratam as mulheres. Eu não entendia como um país tão católico, onde a Igreja sempre teve um grande poder perante a sociedade, ainda vivenciasse este tipo de problema. Só depois dessa pesquisa pude compreender o comportamento que a Igreja teve com relação as mulheres e a forma como os padres pregavam como deveria ser o relação homem e mulher dentro do casamento.

A Igreja passou a ser também meu objeto de pesquisa, pois o traje da noiva, que é a matéria-prima principal do meu trabalho, não deixa de fazer parte desse sacramento, ele é o invólucro daquele corpo que promete entre outras coisas amor eterno, e o quanto é contraditório esse juramento perante Deus. Que amor é esse que violenta?

Por esse motivo, o tema que trabalho sensibilizou o povo espanhol e provocou uma aceitação muito grande. O respeito pela arte, a preocupação com a sociedade e com o bem-estar das pessoas, por esse povo, fez com que a performance atingisse muito mais o público do que quando a realizei em São Paulo.

Mulheres de diferentes classes sociais participaram da ação. Eram integrantes de organizações de mulheres, entre elas grupos feministas. As 200 espanholas que se propuseram a participar começaram o percurso pela Fonte de Cibeles, a fonte mais

Memória do afeto – Madri
200 mulheres participantes
Paseo do Prado/ Fonte de Cibeles a Neptuno
2002

importante de Madri. Cibele, na mitologia romana, era defensora das causas femininas, símbolo da fertilidade e da mãe terra.

Ao lado dessa imagem, as mulheres foram se libertando de seus espinhos. Uma a uma. Retiravam os pontudos espinhos das rosas com suas próprias mãos e depositavam-nos nas almofadas, as quais tradicionalmente em uma cerimônia de casamento têm a função de transportar as alianças.

Somente as três mulheres da frente carregaram as almofadas, as outras seguiram, em procissão, despetalando o buquê e contagiando o público com seu silêncio, pelo Passeio do Prado. O percurso realizado pela calçada central, onde as pessoas caminham em direção ao Museu do Prado até a fonte de Netuno, foi demarcado pelas pétalas brancas. Na fonte de Netuno, que na mitologia romana é filho de Cibele e o único com poder de lutar contra toda e qualquer violência, formaram um círculo e demarcaram por pétalas o chão ao redor da fonte. Em seguida continuaram a procissão, tentando libertar-se, pouco a pouco, dos ressentimentos que simbolicamente carregavam, jogando nas lixeiras da cidade aquilo que não faria mais parte da vida delas, os espinhos.

Todas as organizações em Madri participaram. O respeito que demonstraram pela obra foi emocionante. Mesmo as feministas que são as mais radicais contribuíram com sua presença. Após o término da apresentação, vieram me agradecer a oportunidade de terem feito parte desse trabalho.

A performance atraiu não só o público local e espanhol, mas o europeu de uma forma geral. Antes de ocorrer a performance, o rádio e a televisão foram os veículos que usei para informar e convidar o público a participar do trabalho. Também por esses dois veículos de comunicação pude convocar a população mais carente, pois os jornais alcançam apenas as classes média e alta.

O público local comunicava com gestos e expressões sua participação durante esse trabalho. Entre os presentes estava a mídia e, por meio dela, toda a sociedade.

Pelas chamadas de rádio, as mulheres que tiveram algum vínculo com a violência foram convidadas a participar das quatro reuniões antecedentes à performance para se conscientizarem desse trabalho. Numa dessas reuniões, uma senhora de 80 anos contou sua história de maus-tratos: "Fui violentada minha vida toda, casei de noiva aos 30 anos sonhando com uma vida feliz e meu ex–marido só me maltratou. Faço questão de participar

Memória do afeto – Brasília
130 mulheres participantes
Avenida dos Três Poderes
2002

desse trabalho, me vestirei novamente de noiva, mas dessa vez para ajudar aquelas mulheres que ainda vivem esse tipo de situação, só eu sei o quanto é duro". Quando a performance terminou, ela me abraçou e agradeceu muito por ter vivido aquele momento.

No dia seguinte, todos os jornais fizeram matérias que valorizavam o fato ocorrido, quanto aos aspectos artístico e social. Mesmo depois do evento, continuei recebendo e-mails de jornalistas interessados em publicar alguma matéria a respeito da performance. O trabalho já aconteceu, mas a mídia faz com que ele continue a repercutir para a sociedade.

A imprensa tornou-se minha grande aliada. Ela faz parte do trabalho. Se falta a mídia no momento das performances, a obra não se efetiva. Não basta só o público local ou aquele atraído pela arte, quero que a mídia invada os lares, para encorajar as mulheres a não silenciarem mediante os maus-tratos do parceiro.

Contudo, o espaço que a mídia tem me oferecido não é o mesmo que oferece às organizações de mulheres. Quando há alguma manifestação pública organizada por essas ONGs, com faixas e protestos, a presença da imprensa é quase invisível, como a própria violência contra a mulher.

Com isso, pude observar que a arte ainda tem um espaço maior que os problemas sociais. Ou que a violência doméstica ainda é realmente ignorada pela sociedade.

Quanto ao público masculino, gostaria que a obra o sensibilizasse de alguma maneira, estimulando-o a refletir sobre a conduta adotada com suas companheiras.

Memória do Afeto Brasília:

Em Brasília fui convidada por uma curadora que assistiu o vídeo da performance na Avenida Paulista e foi atingida por ele.

"Memória do Afeto" foi organizada em um mês com a ajuda também de várias organizações de mulheres. Foi a primeira vez que não fiz parte da ação, pois caminhei passo a passo registrando o evento. Essa performance teve muita importância para mim, pois, como espectadora, pude ver o trabalho de fora, que até então só tinha contato por foto ou vídeo.

Memória do afeto – Brasília
130 mulheres participantes
Avenida dos Três Poderes
2002

As mulheres não despetalaram o buquê, caminharam em silêncio pela Av. dos Três Poderes em direção à Catedral. Em frente à Catedral, formaram uma roda e individualmente separaram as rosas do caule. Cada uma cavou seu buraco na terra e individualmente foram enterrando seus espinhos. Para finalizar, decoraram com as rosas restantes. O resultado foi uma grande mandala de flores feita na terra. É como se cada mulher enterrasse suas magoas e replantasse com as rosas uma nova vida, uma nova situação, encerrando assim um passado de dores e investindo em um novo futuro, talvez mais justo e humano.

Depois da finalização da performance muitas mulheres me perguntaram o porquê da mandala, pois me contaram que "o povo em Brasília é muito místico, a mandala tem um significado muito importante para nós".

A mandala formada por essas mulheres fecha um ciclo, para que um outro se inicie, com o propósito de cura. (Veja anexo com definições de mandala)

Muitas mulheres naquele momento final exprimiram sensações variadas: de alívio, emoção, força coletiva, mudança…

Para essa performance também contei com a participação de 30 mulheres que saíram de dentro da casa abrigo, que é um lugar secreto, instituído pelo governo para proteger as mulheres que correm risco de morte, ameaçadas por seus parceiros. Nessa casa elas e seus filhos ficam isolados de tudo e de todos.

Para participar da performance, saíram da casa abrigo de forma discreta, uniram-se às outras integrantes, para que juntas pudessem manifestar seu grito calado de liberdade. Após o término, todas ao mesmo tempo retornaram ao abrigo. Espero sinceramente, que em uma situação melhor.

Um vídeo, registro dessa performance, será mostrado juntamente com a defesa dessa dissertação.

3. O ato artístico como um movimento catártico

Realizar essas performances tem me levado a refletir sobre a arte como função social. Na possibilidade de o artista contribuir com sua obra para mudanças na sociedade. Na força dessas mulheres apropriando-se diretamente da própria vida por meio de uma ação coletiva e o que isso irá gerar dentro delas? Quais as modificações que ocorrerão internamente? Purificação, limpeza íntima, catarse, essas são as vivências de muitas mulheres que participam da performance e do público, atingido também de alguma maneira.

Augras (1981: 93), psicóloga da linha existencial, situa a obra de arte entre os processos transformadores do homem. "No mesmo momento, induz o conflito e propõe uma solução. O espectador é provocado, adere, se descobre e se reconhece. Em seguida, passa a testemunhar deste novo mundo revelado."

Do mesmo modo, o público das performances, ao compreendê-las, talvez se entregue à nova imagem de si propiciada pela revelação plástica.

"Compreender a obra de arte é abrir-se à própria liberdade" (Augras, 1981: 91). Para ela, o espectador passa a ser o co-autor da obra, na medida em que se torna autor da sua liberdade. E explica que o artista age como mediador. Ao criar a obra, cria-se a si próprio e propicia o auto-reconhecimento do espectador.

Mas a "obra de arte viva", as performances, também trazem mudanças e purificações no próprio objeto da arte e de meus estudos: as mulheres vitimizadas que participam

---

[1] A tragédia surgiu na Grécia, no século VI a.C. e teve duração de 100 anos. Seu gênero é o teatral. Caracteriza-se pela expressão do conflito entre a vontade humana e os desígnios do destino. Ou o conflito entre o mito e a razão. A divisão trágica ocorre entre os desígnios dos deuses e os projetos ou as paixões humanas. Portanto, a tragédia exprime o debate entre o passado mitológico e o presente da pólis (cidade). A encenação ocorre em dois espaços. No palco, local onde os atores representam os heróis e heroínas, e no coro, formado por um grupo de pessoas não profissionais que cantam em verso o que se passa no palco.
Aristóteles formulou sua teoria da tragédia no século IV, na Poética. Na época, o pensamento filosófico estava plenamente estabelecido e a tragédia não tinha mais lugar. Historicamente, a tragédia sucedeu à Epopéia e à poesia lírica e se extinguiu com o advento da filosofia.
Do grego tragoidia, pelo latim tragoedia, a palavra tragédia significa "canto do bode" e se refere possivelmente ao ritual em honra a Dionísio, do qual, segundo Aristóteles, o teatro se originou.

vestidas de noivas. Num movimento catártico, após as performances, algumas delas dão novos rumos às suas vidas.

O termo catarse é originário da medicina e significa "purgação". Este vocábulo vem do grego kátharsis e é "a libertação do que é estranho à essência ou à natureza de uma coisa e que, por isso, a perturba ou corrompe" (Abbagnano, 1998: 120).

Aristóteles utilizou o termo catarse de modo amplo em seu significado médico, nas obras sobre história natural, como purificação ou purgação. Foi ele o primeiro que usou catarse para designar também um fenômeno estético, "uma espécie de libertação ou serenidade que a poesia e, em particular, o drama e a música provocam no homem" (Abbagnano, 1998: 120).

Portanto, quando Aristóteles identifica a catarse nas tragédias [1] não tem em mente um processo de depuração terapêutica ou mística, mas um processo purificador de natureza psicológico-intelectual. De acordo com ele, o significado da catarse estética não é diferente do da catarse médica ou moral, a qual é "uma espécie de tratamento das afecções (físicas ou espirituais) que não as anula mas as reduz a dimensões em que são compatíveis com a razão" (Abbagnano, 1998: 120).

Para ele, a tragédia é a imitação elevada e completa da ação, que tem certa extensão pela linguagem e por diversas espécies de adornos distribuídos em suas várias partes; imitação realizada por atores e não em forma narrativa e que, ao suscitar o terror e a piedade, chega à purificação de tais afetos (Aristóteles, 1987). As situações que provocam "terror e piedade" são aquelas em que a vida ou a felicidade de pessoas inocentes são postas em perigo, em que os conflitos não são resolvidos ou são resolvidos de tal modo que determinam "terror e piedade" nos espectadores (Abbagnano,1998: 968).

Aristóteles afirma que imitar é congênito no homem. É próprio da natureza humana. Porém, a tragédia não é a imitação de homens e sim de ações e de vida, de felicidade e infelicidade. Por isso, a trama dos fatos é o elemento mais importante.

Necessariamente, são seis as partes da tragédia. Uma delas é o espetáculo cênico, depois a melopéia e a elocução. Ambas são os meios para os atores efetuarem a imitação. Por melopéia, Aristóteles (1987: 206) entende "aquilo cujo efeito a todos é manifesto". E por elocução, "o enunciado dos pensamentos por meio das palavras, com a mesma composição métrica" (1987:207).

As ações são qualificadas conforme as diferenças de caráter e pensamento dos personagens. Conseqüentemente, são duas as causas naturais que determinam as ações: pensamento e caráter. E nessas ações origina-se a boa ou a má fortuna dos homens. Aristóteles (1987: 206) define por pensamento "tudo quanto digam as personagens para demonstrar o que quer que seja ou para manifestar sua decisão". Por caráter, "o que nos faz dizer das personagens que elas têm tal e tal qualidade" (1987: 206). E por mito, "imitação de ações", Aristóteles (1987:206) entende "a composição dos atos". Portanto, a qualidade da tragédia ocorre quanto ao modo pelo espetáculo; quanto aos meios pela melopéia e elocução; e quanto aos objetos pelo mito, caráter e pensamento.

As personagens não agem para imitar caracteres (ou caráter), mas assumem caracteres para efetuar certas ações. Por isso, o mito e as ações constituem a finalidade da tragédia. E, de tudo, a finalidade é o que mais importa. "O mito é o princípio e como que a alma da tragédia; depois vem os caracteres" (Aristóteles, 1987: 207).

O limite de tempo é o que permite que nas ações ocorram o transe da infelicidade à felicidade ou da felicidade à infelicidade. A poesia é algo de mais filosófico e mais sério na tragédia do que a própria história, pois ela se refere ao universal e a história ao particular.

O termo catarse na cultura moderna foi usado quase que exclusivamente como referência à função libertadora da arte. Às vezes, Freud chamou o processo de sublimação da libido de catarse. Por este processo, a libido se separa do seu conteúdo primitivo (da sensação voluptuosa e dos objetos a ela ligados) para se concentrar em outros objetos os quais serão amados por si mesmos. Segundo Freud, a esse processo catártico, a sublimação, são devidos todos os progressos da vida social, a arte, a ciência e a civilização em geral, pelo menos na medida em que dependem de fatores psíquicos (fonte da coleção de Freud/ Obras completas de Freud, 1903).

Considerações finais

Elaborar esta pesquisa ampliou minha consciência quanto ao papel da mulher em diferentes épocas da história. Conseqüentemente pude compreender como esse passado tem refletido na vida da mulher contemporânea.

As performances passaram a fazer parte da minha produção artística depois que iniciei essa pesquisa. Constato com isso que o estudo ampliou meu campo criativo, abrindo um leque de possibilidades na formação do meu trabalho plástico.

Refletir também sobre minha produção artística conceitualizou ainda mais o meu trabalho, trazendo uma compreensão ainda maior da minha obra.

O que considero realmente importante nesses quatro anos de estudo e de produção artística foi a relação de carinho que desenvolvi com essas mulheres vitimizadas, e a possibilidade que tive de integrá-las ao meu trabalho, misturando a minha vida com a vida delas e a minha obra com as nossas vidas.

Freqüentar a delegacia da mulher, ouvir os depoimentos das vítimas, sentir o sofrimento de cada uma delas, não só mudou minha forma de ver a vida como também me motivou ainda mais em prosseguir nas realizações dessas performances coletivas.

Na delegacia também pude retomar o desenho de observação, prática que não exercia há algum tempo.

Gostaria de ter a oportunidade de realizar "Memória do afeto" em vários lugares do mundo, principalmente em lugares onde a mulher ainda não é respeitada.

Pretendo, em um próximo momento, dar continuidade a essa pesquisa, focando artistas que também trabalharam as questões da cura através da arte, como Joseph Beuys (1921-1986), que a partir da reflexão de sua obra e de textos pude identificar-me com seu pensamento espiritualista e humanista.

Anexos

Anexo da Parte I

A violência doméstica e a delegacia da mulher no Brasil

Hoje, no Brasil, as agressões domésticas às mulheres continuam existindo com um agravante: a impunidade. Segundo Elizabeth Mello Garcez, em artigo no site do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM), "nós não temos ainda uma legislação específica que coíba a violência doméstica". Ela explica que os Juizados Especiais (Jecrims) atendem praticamente só às vítimas de lesões corporais originárias de agressões domésticas. Porém, estas lesões não são levadas em conta nos tribunais. "O homem chega lá e vê, até mesmo em uma audiência, alguém dizer: 'Vamos compor isso daí, o senhor tem filhos, vamos parar de bater'. E ele diz: 'é doutor, o senhor tem toda a razão'. Assina um documento e no dia seguinte ele está batendo na mulher novamente" (Mello Garcez, in site citado, 2004).

Desde os anos 1970, a violência contra a mulher no Brasil tem sido abordada pelas áreas da Segurança (pelas Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (Deams)), da Justiça (pela luta contra a impunidade), pelas casas-abrigo, e pela legislação, como um problema de saúde pública.

Para Mello Garcez (in site citado, 2004), com a aplicação da Lei nº 9.099/95, houve um retrocesso nessa área. As Deams tornaram-se um balcão de reclamação. Registra-se a queixa, puxa-se a folha penal do agressor, faz-se exame de corpo de delito e todo o material vai para o Jecrim esperar na fila para a audiência. "Se a mulher chega espancada na delegacia e dá queixa, talvez em 3 ou 4 meses ela tenha uma audiência marcada em que vai se confrontar com o agressor, com quem provavelmente ela já se confrontou nestes últimos 3 ou 4 meses em casa" (Mello Garcez, in site citado, 2004).

Com a criação das casas-abrigo em São Paulo e em outros estados brasileiros, a mulher pôde dar queixa sem ter de conviver com o companheiro agressor. Esses espaços oferecem uma chance para essa mulher recompor a sua vida e a de seus filhos.

Porém, Mello Garcez (in site citado, 2004) compara a atuação das Delegacias de Defesa das Mulheres antes da Lei nº 9.099/95. E para isso retoma parte da história do feminismo no Brasil.

"Essas delegacias foram criadas porque as mulheres não conseguiam registrar queixa em quaisquer outras delegacias. Chegavam espancadas e machucadas, e o delegado as mandavam de volta para casa. O movimento feminista, percebendo que as mulheres estavam sendo mortas dentro de casa pelos seus companheiros, cobrou um atendimento oficial à questão. Em função dessa luta, até mesmo o estupro agora é visto de outra forma" (Mello Garcez, in site citado, 2004).

As feministas começaram a trabalhar nas Deams e mostravam aos policiais que a violência era proveniente do sistema social, que tenta demonstra que "homem é mais e mulher é menos" (Mello Garcez, in site citado, 2004). Segundo ela, quando havia uma denúncia nas Deams, e se fazia um inquérito até se chegar no Judiciário, algumas medidas podiam ser tomadas pelo delegado. Exemplificando: se a mulher continuasse a ser agredida, o delegado podia pedir ao juiz um mandado e prender o agressor. "Mas hoje isso não funciona assim. Não existe mais isso. Não há cautela nenhuma. A mulher continua apanhando como se fosse uma coisa banal" (Mello Garcez, in site citado, 2004).

O Brasil é signatário das convenções da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização dos Estados Americanos (OEA) relativas ao tema. A da ONU é mais ampla quanto ao problema da violência e os direitos relacionados. E a da OEA é específica sobre a violência contra a mulher.

Apesar disso, o Jecrim não se alinha ao cumprimento dessas convenções. "O Brasil, ao invés de cumprir a Convenção, de mudar a realidade da violência e a realidade dessas mulheres, piora tudo com a Lei nº 9.099/95. Pessoalmente, sou favorável a que se retire os crimes de violência doméstica da esfera dessa lei" (Mello Garcez, in site citado, 2004).

O Protocolo assinado na Convenção da ONU pelo Brasil está sendo apreciado no Congresso para ser ratificado. Este protocolo vai criar o que existe na Convenção de Belém do Pará (OEA), instrumentos para que o cidadão tenha acesso à Comissão que verifica a aplicação da lei. E, por fichas individuais, faça com que o Estado seja responsabilizado por não adotar a Convenção.

"Eu acho fundamental que a gente comece a usar essas Convenções nos processos. Se o Judiciário tiver ciência disso, poderá começar a julgar de uma maneira mais objetiva, visando a eliminação dessa violência" (Mello Garcez, in site citado, 2003).

Mas cotidianamente as mulheres continuam a ser vítimas da violência em sua própria casa. De acordo com pesquisa feita pela Fundação Perseu Abramo, de São Paulo, há 2,1 milhões de vítimas de espancamento por ano. A maioria pelo namorado, companheiro ou marido. Ou seja, "a cada 15 segundos uma sofre alguma agressão no Brasil" (Moraes, Rita. "Ação em rede. Plano federal de combate à violência contra a mulher ganha força com novas parcerias". IstoÉ, edição nº 1.783, 3 de dezembro de 2003, versão eletrônica).

Para combater esses dados, a ministra Emilia Fernandes, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (criada no início da gestão de Luiz Inácio Lula da Silva) formalizou parcerias em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre no dia 25 de novembro de 2003 (Dia Internacional de Combate à Violência contra a Mulher) para colocar em prática o Programa Nacional de Prevenção, Assistência e Combate à Violência contra a Mulher.

Segundo a ministra, a idéia é criar uma ação em rede. Para concretizá-la, ministérios e secretarias estão envolvidos, a fim de capacitar os profissionais das delegacias para abordarem adequadamente o problema. Este acordo de cooperação foi assinado no dia 26 de novembro, por Emilia Fernandes e o ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, no Encontro Nacional de Delegados das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher, em Brasília (Moraes, 2003).

Este programa, lançado em agosto pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, prevê a ampliação do número de delegacias especializadas e de abrigos, que atendem vítimas ameaçadas de morte. Além da criação de centros de referência para a mulher.

Outra medida de apoio foi tomada pelo presidente no dia 25. "Pela Lei nº 10.778 tornou compulsória a notificação à Vigilância Sanitária de todo caso de violência contra a mulher atendido em serviços de saúde públicos e privados" (Moraes, 2003). Essa medida é importante porque o país conta com poucas Deams. Dos mais de 5,5 mil municípios, apenas 404 têm essas delegacias, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (apud Moraes, 2003).

Especificamente, São Paulo conta com 125 delegacias da mulher. Por ano, são registradas nestas Deams 88 mil queixas de lesão corporal e 80 mil ameaças de morte. Muitas vítimas, depois da queixa, são encaminhadas para abrigos. Nestes locais, as mulheres vitimizadas e seus filhos têm três meses para conseguir um emprego e outra moradia. Mas parece que a maioria prefere conviver com o agressor de todas as formas, pois só o denuncia quando está no limite e bastante fragilizada (Moraes, 2003).

Anexo da Parte II

A mandala nas performances

Em todas as performances que realizei na rua – como em "Memória do afeto" (São Paulo, Madrid e Brasília) e "Mosaico branco por 60 mulheres" – a finalização do ritual é sempre diferente, porém a forma de mandala se mantém.

Em São Paulo, as mulheres fizeram uma roda ao redor de um grande buraco feito na terra e enterraram os espinhos do buquê.

Em Madri, as mulheres formaram um círculo ao redor da fonte de Netuno e deixaram as pétalas de seu buquê caírem no chão formando um desenho circular.

Em Brasília, cada uma enterrou seu espinho individualmente, cobrindo-o com rosas e formando uma mandala de botões.

Em "Mosaico branco por 60 mulheres", elas cravaram um fecho ecler de mármore de Carrara que permaneceu no chão da cidade, formando o desenho de uma mandala.

As mandala estão inseridas em meus trabalhos num sentido de cura, pois é um "caminho de volta ao centro", para o essencial, o qual não pode ser descrito, conforme definição do escritor Rudiger Dahlke (1985: 13), em "Mandalas". O vocábulo "Mandala" vem do sânscrito e significa "círculo". Para Dahlke (1985) são formas que representam a harmonia do cosmos e a energia divina.

"O centro da mandala é um ponto, um ponto no entanto não tem dimensão nem lugar, assim ele escapa não apenas da nossa percepção, mas também da nossa imaginação. Não pertence ao nosso mundo, pois o mundo é forma. O ponto, contudo, faz parte de uma outra ordem de ser, existe para além do mundo; é metafísico no sentido literal do termo. O ponto simboliza a unidade, a totalidade, a perfeição, sendo por isso também, em quase todas as culturas e épocas, um símbolo de Deus.

O círculo é um ponto mais uma dimensão; assim, ele vive do ponto central, e é definido por ele – mesmo quando esse ponto não é apreensível por nós.

O ponto e o círculo – Deus e o mundo, o uno e o múltiplo, o irrevelável e o revelável, o conteúdo e a forma, o metafísico e o físico. Metaforicamente, podemos pensar também

na relação entre a semente e a planta adulta e reconheceremos que no pequeno na parte, já está contido o todo" (Rudiger Dahlke 1985: 5).

Particularmente, para Jung (1984: 38), mandala, é um tipo de símbolo, que significa "círculo mágico", pois costuma fascinar as pessoas. Os seus pacientes reconheciam que os mandalas exprimem algo e atuam sobre seu estado subjetivo.

"Nas artes plásticas da Índia e do Extremo Oriente o círculo de quatro ou de oito raios é o padrão habitual das imagens religiosas que servem de instrumento à meditação. No lamaísmo, particularmente dos tibetanos, mandalas ricamente ornamentadas representam um importante papel. Em geral elas significam o cosmos na sua relação com os poderes divinos" (1964: 240).

Mandalas abstratas também aparecem na arte cristã européia. Alguns dos mais admiráveis exemplos são as rosáceas das catedrais; representam o self do homem transposto para um plano cósmico. Podemos considerar mandalas as auréolas de Cristo e dos santos cristãos das pinturas religiosas. Em muitos casos, apenas a auréola de Cristo é dividida em quatro, uma alusão significativa ao seu sofrimento como Filho do Homem e à sua morte na cruz e, ao mesmo tempo, um símbolo da sua unidade diversificada (1964: 241).

Na arte não-cristã esses círculos são chamados "rodas solares". Aparecem gravadas em rochedos que datam da época neolítica, quando a roda ainda não fora inventada. Como Jung assinalou, a expressão "roda solar" demonstra apenas o aspecto exterior da figura. O que realmente importa em todas as épocas é a experiência de uma imagem arquetípica interior, que o homem da Idade da Pedra exprimiu de maneira tão fiel quanto na sua pintura de touros, gazelas ou cavalos selvagens (1964: 241-242).

Jung (1984) explica que somente pelos símbolos o inconsciente pode ser atingido e expresso. Segundo ele, o símbolo, por um lado, representa uma expressão primitiva do inconsciente. Por outro, é uma idéia que corresponde ao mais alto pressentimento da consciência.

Portanto, o movimento circular que representa a união de opostos promove no indivíduo um processo de desenvolvimento psíquico por liberar a personalidade de confusões intelectuais e emocionais. Esta "liberação" ocorre por meio de desenhos ou danças. Segundo ele, "quando as fantasias tomam a forma de pensamentos, emergem

formulações intuitivas de leis ou princípios obscuramente pressentidos, que logo tendem a ser dramatizados ou personificados. Se as fantasias forem desenhadas, comparecem símbolos que pertencem principalmente ao tipo do mandala" (Jung, 1984: 38).

A extrema e integral totalização do símbolo do círculo indica o mais importante aspecto da vida. Conforme a concepção oriental, o símbolo mandálico não é apenas expressão, mas também atuação. Atua sobre o próprio autor.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **Diccionario de filosofia**. 3. ed. México, 1963.

ACKERMAN, Diane. **Uma história natural do amor**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

ACOSTA, Miguel Lorente. **Mi marido me pega lo normal**. Barcelona: Editorial Crítica, 2001.

AMARAL, Aracy. **Arte para quê?** 3. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2003.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco; Poética**. Coleção Os Pensadores vol II. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

BAUDRILLARD, Jean. **Da sedução**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1991.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Vol. I. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

BERGMAN, Ingmar. **Cenas de um casamento**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica Ltda., 1973.

BODENMANN-RITTER, Clara. **Joseph Beuys: cada hombre, un artista**. 2. ed. Madrid: Visor Distribuciones, 1998.

BOURGEOIS, Louise. **Destruição do pai: reconstrução do pai**. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CABELLO, Helena I., CARCELLER, Ana. **Zona F. Consorci de museus de la comunitat valenciana**. Castellá, Graphic Group, s.a., 2000.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

_____. **As máscaras de Deus**. São Paulo: Palas Athena, 1994.

CARDOSO, Sérgio; CHAUÍ, Marilena; COLI, Jorge, FERREIRA; et al. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHADWICK, Whitney. **Mujer, arte y sociedad**. Barcelona: Destino, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução a história da filosofia**. 2. ed. Vol 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Edusp, 1989.

CEZECHOWSKY, Nicole (org.). **A fidelidade: um horizonte, uma troca, uma memória**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1992.

DAHLKE, Rudiger. **Mandalas**. São Paulo: Pensamento, 1985.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1987.

DUBY, George. **História da vida privada: vol. 4. da revolução francesa à primeira guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Petrópolis: Vozes, 1971.

GAY, Peter. **Guerras do prazer: a experiência burguesa da rainha vitória a freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GUASCH, Anna Maria. **El arte último del siglo XX: del posminimalismo a lo multicultural**. 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 2001.

HIRIGOYEN, Marie-France. **Assédio moral: a violência perversa no cotidiano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

JACOBSON, Neil; GOTTMAN, John. **Hombres que agreden a sus mujeres: cómo poner fin a las relaciones abusivas**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2001.

JUNG, Karl (org.). **O homem e seus símbolos**. Trad. de Maria Lúcia Pinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

JUNG, Karl; WILHEIM, R. **O segredo da flor de ouro: um livro de vida chinês**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

KRAUSS, Rosalind E. **Caminhos da escultura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEITE, Ivana de Arruda. **Histórias da mulher do fim do século**. São Paulo: Hacker Editores, 1997.

LIPPARD, Lucy. **Eva Hesse**. New York: New York University Press, 1992.

LIPPARD, Lucy R. **The pink glass swan**. New York: W. W. Norton & Company, 1995.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MILLER, Mary Susan. **Feridas invisíveis: abuso não-físico contra mulheres**. São Paulo: Summus, 1999.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Ventos, 1993.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. Textos da fogueira. Brasília: Letraviva, 2000.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e masculino**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

NOBERT, Elias. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

RODRIGUES, Nelson. **Núpcias de Fogo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ROUGEMONT, Denis de. **O amor e o ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**. Rio de Janeiro: Record, 1994.

SOARES, Barbara M. **Mulheres invisíveis: violência conjugal e novas políticas de segurança**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

STACHELHAUS, Heiner. **Joseph Beuys**. Barcelona: Parsifal Ediciones Valseca, 1990.

STRACHEY, Lytton. **Rainha Vitória**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1992.

VARELA, Nuria. **Íbamos a ser reinas**. Barcelona: Ediciones B. S.A., 2002.

VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

YALOM, Marilyn. **A história da esposa, da Virgem Maria a Madonna: o papel da mulher casada dos tempos bíblicos até hoje**. Trad. Priscilla Coutinho. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

Sites consultados

GARCEZ, Elizabeth Mello. IBAM, Rio de Janeiro, jan. 2003. Disponível em: <http://www.ibam.org.br/viomulher/leg122.htm>. Acesso em: 13 jan. 2004.

Violência contra a mulher. Disponível em:
<http://www.inter-redes.org.br/index.php?fuseaction =Mostra TemaComp&id Tema = 20>

Ferreira Gullar. Disponível em: <http://an.uol.com.br/2001/jun/10/0ane.htm>

Esta obra foi composta nas fontes Formata e
Helvética, editorada no computador Macintosh
utilizando o programa QuarkXPress 5.0
e impressa em julho de 2004